



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CAMPUS DE SÃO BERNARDO
COORDENAÇÃO DE LINGUAGENS E CÓDIGOS/LÍNGUA PORTUGUESA

MARCELA SILVA AGUIAR

GÊNEROS DIGITAIS E ENSINO: uma pesquisa acerca das potencialidades do gênero
*mem*e para o ensino de língua portuguesa

SÃO BERNARDO-MA

2019

MARCELA SILVA AGUIAR

GÊNEROS DIGITAIS E ENSINO: uma pesquisa acerca das potencialidades do gênero *meme* para o ensino de língua portuguesa

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos, habilitação em Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Maranhão/Campus São Bernardo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciada em Linguagens e Códigos.

Orientação: Profa. Ma. Lana Káine Leal.

SÃO BERNARDO-MA
2019

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Aguiar, Marcela Silva.

GÊNEROS DIGITAIS E ENSINO : uma pesquisa acerca das potencialidades do gênero meme para o ensino de língua portuguesa / Marcela Silva Aguiar. - 2019.

63 f.

Orientador(a): Lana Kaíne Leal.

Monografia (Graduação) - Curso de Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa, Universidade Federal do Maranhão, São Bernardo, 2019.

1. Ensino de Língua Portuguesa. 2. Gêneros Digitais.
3. Memes. I. Leal, Lana Kaíne. II. Título.

MARCELA SILVA AGUIAR

GÊNEROS DIGITAIS E ENSINO: uma pesquisa acerca das potencialidades do gênero *meme* para o ensino de língua portuguesa

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos, habilitação em Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Maranhão/Campus São Bernardo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciada em Linguagens e Códigos.

APROVADA EM: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Lana Kaíne Leal (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Eliane Pereira dos Santos
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Rachel Tavares de Moraes
Universidade Federal do Maranhão

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia a minha mãe, por exercer da forma mais bela o dom da maternidade, por sua força e seu cuidado, por acreditar em mim e por ser o motivo de eu lutar por meus sonhos. A sua fiel presença em minha vida me impulsiona a ir além.

AGRADECIMENTOS

Ao Amado de minha alma, que me concedeu a alegria de viver, por ter me sustentando de todas as formas, na vida, e principalmente durante este tempo de graduação, acredito que sem Ele eu não teria concluído sequer o primeiro período, pois posso me recordar do início e do quanto que para mim foi sofrido enfrentar a realidade de estar em uma Universidade.

Aos meus pais, Marcelina e Francisco, por terem me permitido acesso à escola e acreditado que a educação é um dos bens mais preciosos que o ser humano pode possuir.

A minha família, pelo incentivo, amor e presença, pelos momentos de descontração nos domingos, que aliviavam o cansaço vivido durante a semana de muitos estudos que havia passado.

Aos meus irmãos da Comunidade Católica Shalom, que são sinal do Amor e da Misericórdia de Deus na minha vida e que compartilham comigo os meus momentos mais felizes.

A Taís Carvalho, pelo companheirismo durante esses quase cinco anos de graduação e por sua incansável disposição em me ajudar (foi quase uma co-orientadora). Obrigada, Taisinha, por viver comigo as alegrias e as angústias e por ter permanecido comigo do início ao fim.

A Natália Marques, Karina Wille, Valdilene Santos, Andrenna Santos e Erika Luana, que estiveram mais próximas e presentes nos momentos mais importantes e decisivos

A minha orientadora, Prof.^a Ma. Lana Kaíne Leal, que aceitou o desafio de trilhar este caminho comigo, acreditando em mim e na concretização deste trabalho. Obrigada por sua disponibilidade nas orientações, fosse de forma presencial ou virtual, com sugestões e material bibliográfico.

Aos que não citei, mas que contribuíram de forma direta ou indireta. Muito obrigada!

EPIGRAFE

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.

Mikhail Bakhtin

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar as contribuições do gênero digital *meme* enquanto ferramenta para o ensino de língua portuguesa. A fim de alcançarmos esse objetivo, nos apropriamos de estudos já realizados na área, englobando, de modo geral, estudos sobre os gêneros, e, de forma específica, sobre o gênero *meme*. Desse modo, este trabalho segue um percurso metodológico que se caracteriza como pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo. Para tanto, como base teórica, recorremos aos estudos de Marcuschi (2010), Bahktin (2011), Carlixto (2017), Fiorin (2008), entre outros. A partir desses estudos, realizamos um levantamento sobre as denominações dadas aos gêneros: discursivos, textuais e digitais, e apresentamos como os gêneros tm sido trabalhados em sala de aula. A fim de uma aproximação dos estudos sobre os gêneros digitais, apontamos aqueles que têm surgido ao longo dos anos e, com facilidade, têm integrado a vida dos jovens, uma vez que este público utiliza frequentemente os meios digitais, como as redes sociais, e os gêneros que circulam nestes ambientes. Dentre estes gêneros, encontram-se os *memes*, que escolhemos para um estudo com maior precisão, na busca de encontrarmos possibilidades para o seu uso nas aulas de língua portuguesa. Para isso, fizemos uma análise dos *memes* retirados da página “Bode Gaiato”, hospedada na rede social *Instagram*, e identificamos possíveis formas de integrar os *memes* aos espaços educacionais, pois, atualmente, os *memes* ocupam um espaço considerável na vida dos jovens, que utilizam este gênero como uma nova forma de se relacionar e interagir nos ambientes virtuais.

Palavras-chave: Gêneros Digitais. Memes. Ensino de Língua Portuguesa.

RÉSUMÉ

Ce travail a comme objectif examiner les contributions du genre digital comme une possibilité d'enseignement du portugais. Pour atteindre cet objectif, nous nous sommes appropriés des études déjà effectués, généralement, des études sur les genres et, plus particulièrement, sur le genre *meme*. Ainsi, ce travail est caractérisé comme une recherche bibliographique qualitative. De cette façon, nous avons utilisé comme base théorique des études de Marcuschi (2010), Bahktin (2011), Carlixto (2017), Fiorin (2008), entre autres. À partir de ces études, nous faisons une enquête sur les terminologies des genres: discursif, textuel et digital, et on présente comment ces genres ont été travaillés en classe. Afin de rapprocher les études sur les genres digital, nous avons souligné celles qui sont apparues au fil des ans et qui ont facilement intégré la vie des jeunes, car ce public utilise souvent des moyens digital, tels que les réseaux sociaux. Les genres qui circulent dans ces environnements, parmi ces genres, nous trouvons les *memes*, que nous avons choisis pour une étude plus précise, dans la recherche de possibilités d'utilisation dans les cours de portugais. Pour ce faire, nous avons analysé les *memes* extraits de la page "Bode Gaiato" hébergée sur le réseau social *Instagram* et nous avons identifié les moyens possibles d'insérer les *memes* dans des espaces éducatifs, car ces derniers occupent aujourd'hui une place considérable dans la vie des jeunes, qui utilise ce genre comme nouvelle façon de mettre en relation et d'interagir dans des environnements virtuels.

Mots-clés: Genres digital. Memes. Enseignement de la langue portugaise.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Meme “Ragy Guy 1”	29
Figura 2	- Meme “Ragy Guy 2”	29
Figura 3	- Imagem da personagem “Nazaré Tedesco”	30
Figura 4	- Meme “Nazaré Confusa”	30
Figura 5	- Meme da Glória Pires: “Não sou capaz de opinar”	31
Figura 6	- Meme da Glória Pires: “Ótimo”	31
Figura 7	- Imagem dos personagens da série “Três é demais”	32
Figura 8	- Meme “Por que você não amadurece?”	32
Figura 9	- Meme “Abertura da copa”	33
Figura 10	- Meme “Acordando para ver o eclipse solar”	33
Figura 11	- Meme “Eu me tornei aquilo que eu mais temia”	34
Figura 12	- Meme “Você me viu na rua mas nem falou comigo”	38
Figura 13	- Meme “Te vi na rua, por que não falou comigo?”	38
Figura 14	- Meme “Parado, isso é um assalto”	43
Figura 15	- Meme “Sobre a venda do WhatsApp”	43
Figura 16	- Meme “Mãe chegando cedo em casa”	50
Figura 17	- Meme “Namorada que gasta demais”	50
Figura 18	- Meme “Junin brincando na terra”	51
Figura 19	- Meme “Amigas que vão vender ovo”	52
Figura 20	- Meme “Filho que fala palavrão”	52
Figura 21	- Meme “Homem bebendo para esquecer os problemas”	52
Figura 22	- Meme “Cadê a corági pra ir votar?”	56
Figura 23	- Meme “Cartinha para a professora”	57

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Palavras retiradas do meme

58

LISTA DE SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

HQ - História em Quadrinho

LDP - Livro Didático de Português

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	DOS GÊNEROS DISCURSIVOS AOS GÊNEROS DISCURSIVOS DIGITAIS ..	17
2.1	Gêneros textuais ou discursivos?	17
2.2	A variedade dos gêneros digitais que circulam ao longo dos anos	21
3	O GÊNERO <i>MEME</i> E SUA CIRCULAÇÃO NA ESFERA DIGITAL	28
3.1	Origem e definição do gênero <i>meme</i>	28
3.2	Do <i>twitter</i> para outros suportes: a circulação do gênero <i>meme</i> entre os jovens.....	35
4	O GÊNERO <i>MEME</i> E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	41
4.1	O estudo do <i>meme</i> na sala de aula.....	41
4.2	<i>Meme</i> e o estudo da variação linguística.....	46
4.3	<i>Meme</i> e os mecanismos gramaticais	53
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
	REFERÊNCIAS	62

1 INTRODUÇÃO

Os gêneros possuem fontes inesgotáveis de possibilidades para o ensino de línguas. Compreendido como forma de comunicação, seja por meio da escrita ou da fala, os gêneros que existem são incontáveis e transmitidos de geração em geração, alguns “desaparecem” e dão lugar a outros que vão surgindo, mas todos possuem contribuições significativas nas relações dialógicas construídas nas esferas comunicativas. Dentre essas esferas, inclui-se a escola, local onde esses gêneros devem ser utilizados e estudados com maior precisão. Embora eles estejam inseridos nas aulas de língua portuguesa, configurando-se como um importante meio para o ensino de gramática, literatura e produção textual; ainda encontramos, nas salas de aulas, metodologias que se concentram no plano estrutural dos gêneros, sem considerar os elementos extra verbais.

Essas lacunas precisam ser preenchidas, por isso, este trabalho se preocupa em fazer um estudo mais aprofundado sobre os gêneros e seus usos na sala de aula, com foco nos novos gêneros emergentes no contexto da tecnologia digital, mais especificamente, o gênero digital *meme*, que tem circulado de forma significativa na comunidade virtual e tem alcançado um grande público, formado por jovens e adultos, que diariamente estão em contato com o gênero, e, mesmo que de forma inconsciente, estão fazendo a leitura de um gênero textual.

Nessa perspectiva, esta pesquisa se justifica pela necessidade de desvendar as possibilidades do trabalho com os gêneros, uma vez que estes são indispensáveis ao ensino de língua portuguesa. Um professor atuante nesta área precisa compreender a essência do trabalho com os gêneros, sejam eles os mais antigos, os mais novos, ou até mesmo os que vão surgindo. Além disso, o gênero escolhido para este trabalho é muito acessível a qualquer público, hoje em dia, qual jovem não conhece um *meme* e não tem afinidade com ele? Esses novos gêneros emergentes no contexto da tecnologia digital precisam ser apresentados para os alunos como fonte de conhecimentos, precisam ser inseridos no contexto educacional e não os deixar circulando apenas nas telas de computadores, celulares, tablets, etc., pois eles são agentes que ajudam a desenvolver a competência comunicativa do aluno.

Tendo em vista os aspectos já mencionados e levando em consideração a forte presença de jovens estudantes nas mídias, esta pesquisa parte dos seguintes problemas: de que forma o gênero digital *meme* pode contribuir para o ensino de língua portuguesa, tornando-o uma ferramenta eficaz para auxiliar o professor? Os alunos se sentirão atraídos e motivados por ser um gênero que faz parte do seu cotidiano e por trazer aspectos de sua realidade? E, por fim, quais conteúdos de língua portuguesa podem ser estudados a partir do gênero *meme*?

A fim de responder tais questionamentos, a presente pesquisa tem como objetivo geral investigar as contribuições do gênero digital *meme* enquanto ferramenta para o ensino de língua portuguesa. Como objetivos específicos o trabalho busca: a) discutir sobre os gêneros discursivos e a sua inserção nas aulas de língua portuguesa, bem como sobre a proliferação dos gêneros digitais; b) apresentar o gênero *meme*, sua definição e a circulação desse gênero entre os jovens estudantes; c) propor formas possíveis de abordagem do gênero *meme* para o ensino de língua portuguesa na sala de aula

Para isso, o trabalho está estruturado em três capítulos, o primeiro tem como título *Dos Gêneros Discursivos aos Gêneros Discursivos Digitais*, neste capítulo buscamos fazer uma abordagem das várias denominações dadas aos gêneros, bem como uma apresentação do estudo dos gêneros com base na teoria bakhtiniana, além disso, a partir de trabalhos já realizados na área, expomos alguns indícios de como se encontra o trabalho com os gêneros nas aulas de língua portuguesa.

O segundo capítulo designa-se *O Gênero Meme e sua circulação na esfera digital*, no qual tratamos da origem do *meme*, mostrando também a sua dinamicidade a partir da exposição de variados tipos de *memes*, dos antigos aos mais novos, que circulam por meio de suportes digitais e alcançam uma grande quantidade de jovens, dado que o suporte onde estes gêneros são encontrados é bastante utilizado pelos jovens. Diante disso, o suporte do gênero *meme* é também um dos assuntos abordados neste capítulo.

Na sequência temos o terceiro capítulo, que recebeu a denominação *O Gênero Meme e o ensino de Língua Portuguesa*, nele fazemos uma proposta de trabalho a partir desse gênero digital, por meio da análise de alguns *memes* da página “Bode Gaiato”, tendo em vista a necessidade dos alunos conhecerem determinados assuntos, bem como os conteúdos gramaticais da disciplina Língua Portuguesa. Por fim, temos as considerações finais, na qual apresentamos os achados a partir da realização deste estudo.

No que se refere a metodologia, este estudo se caracteriza como uma pesquisa de abordagem qualitativa, associada ao procedimento de pesquisa bibliográfica. Segundo Severino (2007, p. 122)

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir de registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

Sendo assim, para a construção desta pesquisa selecionamos livros, artigos, dissertação e algumas informações retiradas de sites; todas as fontes fazem referência ao tema

em um aspecto geral e de forma específica ao gênero escolhido, além disso foram utilizados alguns documentos, tais como: PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais, e a BNCC – Base Nacional Comum Curricular, que se referem a orientação para o trabalho com os gêneros.

Por fim, para a análise dos dados optamos por utilizar os *memes* da página “Bode Gaiato”, disponíveis na rede social *Instagram*; a coleta desses *memes* foi feita pelo celular, para isso utilizamos a ferramenta de captura de tela. O critério utilizado para a escolha dos *memes* desta página foi o fato deles contemplarem conteúdos que podem ser trabalhados nas aulas de Língua Portuguesa, a saber: variações linguísticas e mecanismos gramaticais.

2 DOS GÊNEROS DISCURSIVOS AOS GÊNEROS DISCURSIVOS DIGITAIS

Neste capítulo temos o objetivo de fazer uma abordagem dos gêneros discursivos aos gêneros digitais, para isso dividimos o presente capítulo em dois tópicos, o primeiro trata, a partir do estudo de alguns teóricos, sobre terminologias e definições dadas aos gêneros no decorrer dos anos. Por sua vez, o segundo tópico focaliza os gêneros digitais em si, expondo os gêneros mais recorrentes, ou seja, aqueles que têm circulado com mais frequência, ao longo dos anos, no contexto da tecnologia digital.

2.1 Gêneros textuais ou discursivos?

Os sujeitos têm a língua como uma forma de interação social e isso pode se estabelecer através dos mecanismos da oralidade e/ou da escrita, que de uma forma mais específica pode ser percebido a partir do uso dos incontáveis gêneros presentes na esfera da atividade humana. Muitos atribuem a esses gêneros a denominação de gêneros textuais, outros de gêneros discursivos, a esse respeito, Maingueneau explica que:

Em geral, são chamados gêneros textuais os textos particulares, que têm organização textual, funções sociais, locutor e interlocutor definidos; e gêneros discursivos, aqueles cuja caracterização está baseada em critérios tais como: fator de economia cognitiva, rotina, atividade social, finalidade reconhecida interlocutores legítimos, lugar e tempo legítimos, suporte material e organização textual. (MAINGUENEAU, 2001, *apud* BEZERRA 2010).

Tem surgido ainda, nos últimos anos, uma nova denominação, a de gêneros discursivos digitais. Contudo, entendemos que, apesar da carga denominativa, isso não altera a concepção de gêneros até então compreendida no estudo dos mesmos, pois o que é levado em consideração, quando pensamos em sala de aula, é o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos, a partir do uso desses gêneros. Nesse sentido, o que pode mudar são os suportes nos quais eles podem ser ancorados, isso quando pensamos nos gêneros digitais, por exemplo.

De acordo com Marcuschi (2010) a história dos gêneros textuais se desenvolveu a partir de algumas fases significativas:

[...] numa primeira fase, povos de cultura essencialmente oral desenvolveram um conjunto limitado de gêneros. Após a invenção da escrita alfabética por volta do século VII a. C., multiplicam-se os gêneros, surgindo os típicos da escrita. Numa terceira fase, a partir do século XV, os gêneros expandem-se com o florescimento da cultura impressa para, na fase intermediária de industrialização iniciada no século XVIII, dar início a uma grande ampliação. Hoje, em plena fase da denominada *cultura eletrônica*, com o telefone, o gravador, o rádio, a TV e, particularmente o computador pessoal e sua aplicação mais notável, a *internet*, presenciamos uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita. (MARCUSCHI, 2010, p. 20)

Com a análise histórica feita por Marcuschi, pode-se perceber a evolução dos gêneros, no qual inicialmente contavam com um número limitado dos mesmos, desenvolvendo-se apenas através da oralidade; em seguida, houve o surgimento da escrita e, conseqüentemente, a expansão dos gêneros que passaram a se materializaram em impressões; já na última fase, percebemos a interferência das novas tecnologias na evolução dos gêneros, se inicialmente eram limitados, hoje, por meio de um processo de adaptação, tornaram-se fontes incontáveis de contribuição para o processo comunicativo, de ensino e aprendizagem.

O aspecto sociodiscursivo é uma característica própria dos gêneros, eles emergem e interagem no âmbito da cultura, a partir da necessidade da mesma, assim pode obter alterações e/ou adaptações que dependem dos avanços pelos quais a sociedade passa. Nesse sentido, vemos o caso da *carta* (pessoal ou comercial) que no decorrer dos anos foi passando por um processo de adaptação e aos poucos sendo substituída pelo *e-mail*, notamos que ele, assim como os demais novos gêneros não surgem sozinhos, pois como salienta Marcuschi (2010, p. 21) “esses novos gêneros não são inovações absolutas, [...] sem uma ancoragem em outros gêneros já existentes”, ou seja, vai sempre existir um elo entre os gêneros já existentes e os gêneros que estão surgindo.

Ainda, no que se refere a questão da definição dos gêneros, Marcuschi (2010) destaca que:

Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica [...]. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante. (MARCUSCHI, 2010, p. 23-24).

Dessa forma, a definição de gênero textual apresentada por Marcuschi é facilmente associada à ideia da linguagem, uma vez que subsidia tudo o que os sujeitos falam ou escrevem diariamente, como pode ser observado nos exemplos de gêneros apontados pelo autor, neles há tanto gêneros que nos apoiam na fala quanto na escrita: a *reunião de condomínio* e a *bula de remédio*, respectivamente. Já Bakhtin (1977) denomina-os de gêneros do discurso e diz que eles são “tipos relativamente estáveis de enunciados”, em sua teoria o trabalho com o enunciado ganha uma atenção maior, pois ele defende que é a partir dele que o

emprego da língua efetua-se e conseqüentemente faz com que os sujeitos manifestem-se, na vertente da oralidade ou da escrita.

Quando Bakhtin diz que os gêneros discursivos são tipos relativamente estáveis de enunciados, isso nos faz lembrar ao mesmo tempo da dinamicidade e diversidade desses gêneros, porque eles podem em um dado momento não apresentar variações alguma, continuam sendo os mesmos; mas em outro momento apresentam variações que trazem consigo algo de novo, mas sempre ancorado em fatos pré-existentes, pois tudo que falamos já foi falado antes e tudo que escrevemos já foi escrito antes, como Bakhtin, a partir do seu conceito de dialogismo, afirma:

[...] o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. Apenas Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto e histórico, isso não é possível: só em certa medida e convencionalmente é que pode dela se afastar. (BAKHTIN, 1988, p. 88 *apud* FIORIN, 2006, p. 18)

Dessa forma, nenhum discurso é inédito, embora ele forme os gêneros e estes sejam criações inesgotáveis da atividade humana. Ainda sobre os gêneros, numa perspectiva bakhtiniana, é importante saber que eles foram divididos em duas categorias: os gêneros discursivos primários e os secundários, os primários caracterizam-se como gêneros mais simples, criados e desenvolvidos nas situações cotidianas e utilizados de forma mais frequente na oralidade; os gêneros secundários caracterizam-se como mais complexos e tem uma organização na linguagem que se aproxima da formalidade da língua, e são representados principalmente na escrita. Notamos que nas duas categorias existem dois fatos que se destacam em sua classificação, que são as formas de expressão oral e escrita, entretanto, é preciso estar atento, pois somente estas duas formas de expressão não são suficientes para diferenciá-las, pois como alerta Bakhtin:

A diferença entre os gêneros primário e secundário (ideológico) é extremamente grande e essencial, e é por isso mesmo que a natureza do enunciado deve ser descoberta e definida por meio de ambas as modalidades [...]. (BAKHTIN, 2011, p. 264).

Ou seja, é necessário um estudo profundo das duas categorias. Além disso, a noção de gênero para Bakhtin está pautada em três características, que foram divididas por ele como: conteúdo temático, estilo e construção composicional, estes são os chamados elementos constitutivos do gênero, que de modo geral auxiliam na identificação dos aspectos de um determinado gênero. O primeiro se refere à temática que um determinado gênero pode estar

tratando, lembrando que pode ser apenas um tema ou vários, o segundo está voltado mais para a identidade do locutor, no qual poderemos perceber no gênero traços próprios e individuais ou de um grupo social que ele pertença, o terceiro tem a ver com a forma como o gênero é organizado levando em consideração os aspectos linguísticos.

Além de apresentar as definições dos gêneros, é necessário também indicar como estes têm sido trabalhado nas aulas de Língua Portuguesa, uma vez que os PCN's propõe que o ensino de língua deve ocorrer a partir do trabalho com os gêneros, como uma forma de contribuição ao desenvolvimento de diversas capacidades dos alunos, sendo assim um importante elemento a ser integrado a este ensino. Essa proposta é aceitável quando lembramos que o ensino de língua está sempre baseado em algum texto e este, por sua vez, está sempre inserido em um determinado gênero. Evidencia-se, dessa forma, a importância da análise do trabalho com os gêneros, seja nas aulas de gramática, literatura ou produção textual, uma vez que assim torna-se possível identificar metodologias já utilizadas e a partir disso repensar formas inovadoras de ensino com a diversidade de gêneros existentes.

Nessa perspectiva, Mendonça (2010) relata o descaso que é dado, por exemplo, ao uso do gênero HQ (História em Quadrinho) na escola:

[...] as seções destinadas às HQs permanecem sendo as menos “importantes”, do tipo “Divirta-se”, Só para ler” ou Texto suplementar, sendo raríssimos os casos de uma HQ figurar como um texto central de unidade didática em um LDP (MENDONÇA, 2010, p. 218-219)

O que vemos, com base no estudo da autora, HQ é um texto que se configura como um gênero textual mas que não está obtendo o reconhecimento adequado dentro dos livros didáticos de língua portuguesa (LDPs), sendo que esse gênero possui suas potencialidades e tem objetivos que vão além de apenas divertir o aluno, dependendo do conteúdo temático o gênero pode vir a ser educativo e provocador da reflexão crítica do aluno, levando em conta que este último é um dos critérios que os PCN's apontam para a escolha de qual gênero trabalhar em sala de aula. Já no final de seu texto, Mendonça apresenta propostas consistentes de como se realizar um trabalho efetivo com o uso das HQ's, que não será mostrado aqui, mas que desmonta a ideia de que esse gênero é uma mera ferramenta lúdica na sala de aula.

De modo similar, Bezerra (2010 p. 232) se mostra preocupada no que diz respeito ao ensino de leitura/escrita dos alunos, assim, a autora traça alguns objetivos a serem alcançados a partir do estudo do gênero carta e mostra uma série de orientações a serem seguidas pelos professores com base em uma sequência didática, com duração de dois meses, algo interessante a observar é o tempo e a atenção dada pela autora para o gênero que será

trabalhado. É comum casos em que é separada apenas uma aula para o processo de conhecimento do aluno sobre um determinado gênero e sabemos que diante das especificidades de cada um deles, esse pouco tempo é insuficiente, uma vez que o aluno deverá não só conhecer o gênero mas também produzi-lo, quando falamos em conhecer nos referimos ao conhecimento do gênero como um todo e não apenas no plano estrutural, com isso o aluno tomará posse da prática de leitura e escrita e os objetivos que foram traçados pelo professor no início do estudo conseguirão ser alcançados.

Na mesma perspectiva, Santos (2012) relata suas experiências no trabalho com os gêneros. Conforme a autora:

[...] apesar de os gêneros textuais já estarem sendo muito usados como objeto de ensino, ainda não aconteceu uma mudança significativa, uma vez que o ensino continua centralizado na forma, pois o que mais se ensina, em relação aos gêneros, são seus aspectos estruturais, deixando em segundo plano, ou simplesmente, não atentando para os aspectos extraverbiais [...]. (SANTOS, 2012, p. 244).

Essa é uma das maiores preocupações no que se refere ao ensino de Língua Portuguesa com base nos gêneros e, talvez, o motivo de muitos alunos, hoje em dia, possuírem deficiência na leitura e escrita, pois como podemos notar, a partir da citação, apesar de o ensino com o uso dos gêneros já ser algo real na sala de aula, ele ainda é realizado de forma descontextualizada, distante do seu uso real. Possivelmente, o segredo para o melhor desempenho dos alunos, que citamos anteriormente como deficiência, seja um ensino que vise a integração da linguagem e das situações reais de seu uso, uma vez que as duas não devem estar separadas.

Como vimos no decorrer da discussão feita até aqui, há na sociedade um grande espaço destinado e aberto a discussões que devem ser feitas sobre as manifestações e usos dos gêneros, principalmente no que se refere aos usos desses gêneros no contexto da sala de aula; vimos ainda que, apesar da eficácia encontrada no estudo de língua a partir dos gêneros, não se conseguiu ainda chegar ao sucesso desejado nas aulas de Língua Portuguesa, mas que é possível mudar essa realidade.

Como descrito no início deste tópico e à título de esclarecimento, os gêneros recebem hoje a denominação de discursivos ou textuais, alguns estudiosos e teóricos da área optam pelo primeiro nome, Bakhtin, por exemplo, outros pelo segundo. Notem que utilizamos para as discussões feitas até aqui as duas denominações, entretanto a presente pesquisa se centra em grande parte na nova denominação: a de gêneros digitais, que discutiremos, de forma mais aprofundada nos próximos tópicos e capítulos, sempre à luz dos estudos já realizados na área, independente das denominações dadas para esses gêneros.

2.2 A variedade dos gêneros digitais que circulam ao longo dos anos

Com o avanço dos meios de comunicação e, principalmente, com o advento da internet, que nos últimos anos se tornou acessível para grande parte da sociedade, temos testemunhado uma grande revolução no âmbito tecnológico. Nesse cenário surge também novos gêneros, que se adaptam às necessidades da sociedade, melhorando e tornando mais veloz o processo de comunicação, possibilitando uma nova face às interações sociais construídas nesses meios; esses gêneros, que surgem no contexto da tecnologia digital, são nomeados de gêneros virtuais ou digitais, entretanto, na presente pesquisa, optamos por utilizar a denominação gêneros digitais¹.

Neste ponto, é interessante destacar a tecnologia digital enquanto um dos principais suportes no estudo desses novos gêneros, pois é a partir dela que acontece todo o processo da criação e desenvolvimento dos gêneros digitais. No processo do trabalho com esses gêneros, o indivíduo sempre precisará ter a sua disposição a internet e os softwares adequados para cada tipo de gênero; isso não seria necessário em gêneros que não estão inseridos nesse contexto, a exemplo do bilhete em sua essência, que ao produzirmos precisamos basicamente de dois materiais: um pedaço de papel e uma caneta.

Antes de tratarmos sobre as especificidades dos gêneros digitais, é importante entendermos que eles, de acordo com Marcuschi (2010, p. 32), “surgem dentro de ambientes como locais que permitem ‘culturas’ variadas”, ou seja, esses ambientes possibilitam que pessoas de sociedades diferentes exerçam várias atividades nesses locais, acredito que por isso a denominação “culturas variadas” dada pelo autor. No âmbito deste entrelaçamento sociocultural, ocorrem também variações no processo de interação entre os indivíduos: eles não se encontrarão em uma situação de comunicação face a face, o que prevalece é a comunicação através da escrita, isso nos leva a pensar que podem ocorrer desvios ortográficos no uso da língua, uma vez que nas redes permeiam novas formas comunicativas. A esse respeito, Marcuschi (2010, p.39) assinala que a “inserção de elementos visuais no texto (imagens, fotos) e sons (músicas, vozes) pode-se chegar a uma interação de imagem, voz, música e linguagem escrita em uma interação de recursos semiológicos”, contudo o autor não indica que desvios ortográficos podem ocorrer no âmbito dessa interação de recursos. Existem os gêneros que são mais propícios para tal ocorrência, para uma análise desse tipo, o perfil do usuário deve ser levado em consideração.

¹ Não existe um motivo específico para tal escolha, apenas foi a denominação mais encontrada quando fazíamos as primeiras leituras e ainda estávamos decidindo qual a temática a ser pesquisada.

Em relação às especificidades dos gêneros digitais, assinalamos que não há um número exato da quantidade de gêneros que circulam no ambiente virtual, portanto, à luz de alguns autores, será feita uma exposição da variedade dos gêneros digitais que tem circulado ao longo dos anos, a partir dos mais conhecidos. Começemos por um dos gêneros que mais se destacam nas redes: o *e-mail*. Segundo Marcuschi:

O *e-mail* remonta ao início dos anos 70, portanto, é uma forma de comunicação que tem hoje pouco mais de 30 anos. [...] Populariza-se apenas nos anos 80 para assumir a feição atual em meados dos anos 90. Surgiu casualmente nos computadores do Departamento de Defesa dos Estados Unidos (ARPANET). Durante quase uma década não tinha mais do que algumas linhas e, embora sua emissão fosse relativamente rápida, a recepção era muito lenta. Foi grandemente aperfeiçoado e vem sendo extremamente utilizado, tendo sido vaticinado como “o fim dos correios tradicionais” e das cartas escritas. (MARCUSCHI, 2010, p. 45-46):

Diferente do que muitos pensam, o e-mail não é um gênero novo, o que tornou este gênero mais conhecido nos últimos anos foi a acessibilidade, devido ao advento dos novos meios de comunicação. Ao longo do tempo, percebemos que o e-mail passou por um processo de “amadurecimento” e inovações, mesmo que possua traços que se assemelham ao gênero clássico escrito *carta*, podemos notar que ele contém hoje uma série de ferramentas que dão uma nova aparência ao gênero. Muitas mudanças ocorreram nesse processo de evolução, tanto no que se refere a transmutação da carta para o e-mail, quanto dos avanços dentro do e-mail em si.

Com a grande quantidade de pessoas conectadas à rede, acreditamos que o problema que antes existia em relação a demora nos recebimentos e respostas dos e-mails já diminuiu em número considerável, atualmente é difícil encontrarmos uma pessoa que não possua um *smartphone* e tenha nele algum aplicativo provedor de e-mail, o que facilita o processo de comunicação com o uso desse gênero, ou seja, a rapidez só não irá acontecer se o destinatário não tiver acesso à internet; se o destinatário não receber a mensagem (acontecem casos em que o e-mail vai direto para a pasta *spam*) ou se de fato ele optar por não responder. Além desse avanço, contamos também com a ferramenta que possibilita o envio de um mesmo e-mail para uma grande quantidade de pessoas, se o compararmos com a carta, observamos que isso não seria possível, pois o remetente teria que escrevê-la várias vezes para alcançar a quantidade de destinatários desejado. A esse respeito, Paiva (2010, p. 83) explica como ocorriam as primeiras entregas de cartas: “Para que uma mesma carta seja enviada a muitos leitores é preciso que várias cópias sejam feitas, envelopadas e endereçadas a cada pessoa individualmente”.

Ainda, em relação aos avanços do gênero e-mail, assinalamos a possibilidade de anexar documentos, arquivos de textos (a exemplo dos escritos no *Word* ou em formato *PDF*), imagens, vídeos, músicas, livros em formato digital, links que direcionam para outros sites, etc. Conforme Marcuschi (2010), a princípio o espaço para escrita tinha capacidade apenas para algumas linhas, hoje o remetente não precisa se preocupar quanto a isso. Todos os aspectos apresentados são importantes e eficazes inovações para a permanência do gênero e-mail no ambiente digital. A fim de complementar, trazemos ainda mais alguns elementos que podemos encontrar no e-mail:

1) Endereço do remetente: *automaticamente preenchido* 2) data e hora: *preenchimento automático* 3) endereço do receptor: *deve ser inserido (quando não for uma resposta)*; 4) possibilidade de cópias e outros endereços: *a ser preenchido (visível ou não ao receptor)*; 5) assunto: *precisa ser preenchido a cada vez ou se adota o que veio no caso de uma resposta*; 6) corpo da mensagem com ou sem vocativo, texto e assinatura; 7) possibilidade de anexar documentos com indicação automática ao receptor; 8) inserção de carinhas, desenho e até mesmo de voz. (MARCUSCHI, 2010, p. 47 – 48).

Esses aspectos facilitam as interações dentro dos suportes digitais e estreita as relações pessoais e comerciais. No e-mail, assim como nos demais gêneros, existem características próprias da linguagem empregada, assinalamos, a título de exemplo, o uso da escrita com letras maiúsculas, que remete a ideia de que a pessoa está gritando; existem também ferramentas não obrigatórias, caso do elemento 5, no qual o remetente tem a liberdade de colocar ou não o assunto tratado pelo e-mail, claro que se o destinatário se tratar de uma pessoa formal, o remetente deve optar por preencher o campo assunto.

Para que o usuário possa fazer uso de tudo o que citamos acima, ele precisa primeiramente estar conectado à *internet*, optar por um provedor de e-mail, dentre os que se destacam estão o *Office 365* (Microsoft), *Uol Host* e o *Google Apps* (Gmail), e criar um endereço eletrônico num desses provedores. Fazendo isso o indivíduo poderá dar seus primeiros passos e realizar a comunicação com inúmeras pessoas, além de utilizá-lo para fins educativos, empresariais, entre outros.

Sintetizando, percebemos que houve muitas inovações com o advento deste gênero, contudo, em partes, ele estará sempre ligado a outros tradicionais, como, a carta, que é tradicional quando comparamos com o e-mail, o bilhete, a conversa face a face. Paiva (2010, p. 102) reitera que os usuários pensam estar utilizando um gênero novo e diferente, porém ele ainda guarda semelhança com outros pré-existentes.

Outro gênero que está inserido na esfera digital é o *chat*, atualmente, contamos com uma grande diversidade deles, os quais se encontram espalhados por muitas plataformas

digitais, aplicativos de redes sociais, que são comumente utilizados para muitos fins, desde uma simples conversa até a aprendizagem de outros idiomas. Marcuschi (2005, p.27 *apud* LEITE e SILVA 2015, p. 90) define os *chats* como “ambientes em salas de bate-papo entre várias pessoas simultaneamente ou em ambiente reservado”, essa é uma das características marcantes do *chat*, que, como já dissemos, possui várias finalidades. Podemos usá-lo em dupla ou em grupos, e para cada uma dessas situações de uso existe um título e objetivos a serem alcançados, ou seja, se o indivíduo está em um determinado tipo de *chat* ele deseja alcançar um determinado objetivo, iremos ver esses títulos mais adiante para entendermos melhor como isso funciona. Além disso, observamos que as características do *chat* nos lembra muito as funções do *WhatsApp*², talvez, possamos dizer que este aplicativo é um tipo de *chat* bastante utilizado nos últimos tempos, nele existe a opção de duas pessoas conversarem reservadamente e tem também a opção dos grupos, que torna possível várias pessoas conversarem ao mesmo tempo sobre um determinado assunto, o diferencial é que nele é preciso que os usuários possuam um número de telefone, este número deve ser disponibilizado para que outras pessoas adicionem nos contatos do aparelho telefônico móvel.

Araújo (2010, p. 110) trata da emergência do *chat*, em seu estudo o autor desenvolve a ideia de que “a conversação em tempo real ocorrida nos *chats*, é resultado da transmutação do diálogo cotidiano de sua esfera de origem para uma pluriesfera digital, a que chamamos *web*.” Observa-se que novamente nos deparamos com a situação de um gênero digital que tem origem a partir de outro, reforçando assim a afirmação de Marcuschi (2010) quando ele diz que esses novos gêneros não são inovações absolutas. Dessa forma, podemos lembrar do fenômeno que Bakhtin chamou de *transmutação*, que é o processo pelo qual os gêneros passam constantemente, a fim de compreendermos melhor recorremos a definição apresentada por Araújo:

[...] a categoria **transmutação** é usada para fazer referência ao processo formativo dos gêneros. O termo **transmutante** refere-se ao gênero que está em formação ou que tenha se formado de outro. Designo de **transmutado** o gênero que foi absorvido e reinterpretado pelo transmutante. (ARAÚJO 2006 *apud* ARAÚJO 2010, p. 114).

Sendo assim, temos como exemplo de gênero transmutante o *chat*, e gênero transmutado o diálogo cotidiano, bem como o e-mail e a carta, que se configuram como gênero transmutante e gênero transmutado, respectivamente. Como já dito, não existe apenas um tipo de *chat*, a partir das necessidades dos usuários e dos avanços tecnológicos

² *Whatsapp* é um *software* para *smartphones* utilizado para troca de mensagens de texto instantaneamente, além de vídeos, fotos e áudios através de uma conexão a *internet*. – definição retirada da web no site Significados, disponível em: <https://www.significados.com.br/whatsapp/> acesso em: 24 set. 2018.

acompanhados das intervenções humanas foram surgindo uma série de tipos para atender e melhor realizar as interações na *web*.

Nessa perspectiva, Marcuschi apresenta uma classificação para os vários tipos de *chats*:

(2) **chat em aberto (bate papo virtual em aberto – room-chat)** – inúmeras pessoas interagindo simultaneamente em relação síncrona e no mesmo ambiente. (3) **chat reservado (bate papo virtual reservado)** – variante do room-chats do tipo (2) mas com as falas pessoais acessíveis apenas aos dois interlocutores mutuamente selecionados, embora possam continuar vendo todos os demais em aberto. (4) **chat agendado (bate papo agendado - ICQ)** – variante de (3) mas com a característica de ter sido agendado e oferecer a possibilidade de mais recursos tecnológicos na recepção e envio de arquivos. (5) **chat privado (bate papo virtual em salas privadas)** - são os bate-papos em sala privada com apenas os dois parceiros de diálogo presentes; uma espécie de tipo (2). [...] (8) **aula-chat (chat educacional)** – interações síncronas no estilo dos *chats* com finalidade educacional, geralmente para tirar dúvidas, dar atendimento pessoal ou em grupo e com temas prévios. (MARCUSCHI, 2010, p. 32-33).

A partir da classificação de Marcuschi, vimos alguns dos tipos de *chats* mais recorrentes e suas funções, nestes *chats* o que prevalece é o uso da escrita, mas há alguns recursos semióticos comuns nesses tipos de gênero que se encontram na esfera digital.

Outra ferramenta recorrente no ambiente digital é o *blog*, que é definido como:

uma ferramenta que promove o uso social da informação e do conhecimento como direito de todos, além de favorecer o diálogo, o convívio e compartilhamento de ideias, uma vez que serve para divulgar conhecimentos, veicular conteúdos informativos, educativos e pessoais, pois é um instrumento que pode ser inovado regularmente. (GUTIERREZ, 2003, p. 7 *apud* SILVA E AURÉLIO 2017, p. 2-3)

Nesse sentido, observamos que o *blog* é uma ferramenta que possibilita a circulação de vários gêneros digitais. O administrador do *blog* tem a função de estar sempre atualizando os temas ali existentes, dependendo do objetivo do *blog*, eles podem ancorar comerciais, notícias, receitas, fotografias, etc. Cada *blog* tem uma estrutura e características próprias, e pode ser criado com facilidade. Um elemento importante a ser considerado na hora da criação de um *blog* é o público a quem ele irá se direcionar, acreditamos que seja por isso que quem administra sempre põe em um lugar de destaque uma mini biografia sobre si, para que o leitor possa conhecer um pouco da personalidade do dono e assim demonstrar interesse ou não pelo conteúdo que ele, enquanto leitor, irá encontrar.

Finalizando esta exposição sobre os gêneros digitais, gostaria de destacar ainda a existência das *fake news* que é um tipo de “notícia” veiculada, frequentemente, por meio dos *blogs*; trata-se de uma notícia sem caráter de verdade, com o objetivo, na maioria das vezes, de proliferar na sociedade um discurso que busca difamar a imagem de alguém, que normalmente é uma pessoa conhecida pela sociedade: políticos, atores, cantores, entre outros.

Sabemos que não possui ainda estudos aprofundados acerca do uso desse tipo de “notícia” no contexto educacional, entretendo a BNCC – Base Nacional Comum Curricular, referente ao ensino de língua portuguesa nos anos finais do ensino fundamental, orienta que as *fake news* devem ser estudadas na escola, enfatizando:

A questão da confiabilidade da informação, da proliferação de *fake news*, da manipulação de fatos e opiniões [...]. A proliferação do discurso de ódio também é tematizada em todos os anos e habilidades relativas ao trato e respeito com o diferente e com a participação ética e respeitosa em discussões e debates de ideias são consideradas. Além das habilidades de leitura e produção de textos já consagradas para o impresso são contempladas habilidades para o trato com o hipertexto e também com ferramentas de edição de textos, áudio e vídeo e produções que podem prever postagem de novos conteúdos locais que possam ser significativos para a escola ou comunidade ou apreciações e réplicas a publicações feitas por outros. Trata-se de promover uma formação que faça frente a fenômenos como o da pós-verdade, o efeito bolha e proliferação de discursos de ódio, que possa promover uma sensibilidade para com os fatos que afetam drasticamente a vida de pessoas e prever um trato ético com o debate de ideias. (BRASIL, 2017 p. 134-135)

Como podemos observar, a partir de 2017, o estudo dos gêneros devem compreender o trabalho com as *fake news*, a fim de desenvolver no aluno o pensamento crítico e coerente, levando em consideração a diversidade de pensamentos e opiniões existentes na sociedade, atentando ao que é verídico e, dessa forma, evitar a proliferação discursos de ódio, que ferem a imagem do outro. Nesta perspectiva, o aluno deve compreender que a sua liberdade de expressão nas redes digitais não pode comprometer e limitar a liberdade do outro, dessa forma será possível construir dentro das esferas da atividade humana relações em que os sujeitos sejam mais compreensíveis entre si.

Assim, assinalamos que todos os gêneros digitais apresentados nesta seção podem ser utilizados no âmbito educacional, por esse motivo e, também, por ser o campo que se insere esta pesquisa caminha, tornou-se importante a exposição dos gêneros digitais mais recorrentes, relacionando-os com as possibilidades de usos no ensino de língua portuguesa.

3 O GÊNERO *MEME* E SUA CIRCULAÇÃO NA ESFERA DIGITAL

Neste capítulo temos o objetivo de mostrar aspectos relevantes acerca da origem e definição do gênero *meme*, para isso foi necessário dividir as discussões deste capítulo em dois subtópicos, no primeiro iniciamos fazendo uma abordagem sobre o surgimento da expressão *meme*, além disso, fazemos ainda uma exposição dos memes mais conhecidos no Brasil, apresentando brevemente a história de cada um deles. Já o segundo tópico focaliza numa discussão acerca dos suportes nos quais os *memes* surgem e em como ocorre a circulação deles entre os jovens.

3.1 Origem e definição do gênero *meme*

Nesta seção, apresentaremos o nosso objeto de estudo: o *meme*, gênero escolhido para um estudo mais profundo de suas especificidades e compreensão da sua natureza, bem como o entendimento de seus benefícios educacionais. O *meme* é um gênero digital, e um dos fenômenos que caracterizam a linguagem nesses meios digitais são os textos multimodais, que deram uma nova face as produções textuais na internet, envolvendo as múltiplas faces da linguagem: escrita, oral e visual. Não é diferente com o *meme*, ele é um dos novos gêneros digitais que possuem essas características, além de ser possível fazer uso dele para fins educativos, que vão além de apenas divertir o público na internet.

O surgimento da expressão *meme* e a definição do termo são apresentados por Calixto:

A expressão ‘meme’ tem origem no livro *O Gene Egoísta* (1976) de Richard Dawkins, dentro de uma discussão sobre a transmissão cultural. Num amplo estudo a respeito da evolução, o autor argumenta que as ideias produzidas na sociedade funcionam como a propagação dos genes humanos, que se reproduzem e se organizam com o objetivo de manter o organismo funcionando. Em outros termos, ele busca com a expressão *meme* criar o mesmo sentido que a palavra *gene* para descrever como ideias, conceitos e comportamentos se propagam na sociedade. O conceito vem do grego *mimeme* (que significa imitação) e foi reduzido justamente para ser semelhante à palavra *gene*. Por meio de cópias e imitações, explica Dawkins, pequenas unidades da cultura passam de pessoa para pessoa, carregando em seu interior percepções gerais da sociedade. (CALIXTO, 2017, p. 45).

Embora o surgimento do termo não seja recente, o gênero em si ganhou destaque nos últimos anos e tem se proliferado, exclusivamente, nas redes sociais, com o intuito de fazer o usuário das redes se divertir e também refletir acerca de alguns assuntos, pois estes, em sua maioria, estão sempre ligados a algo que se passa na sociedade, como afirma Souza:

os “memes” têm a ver principalmente com comentários, postagens de fotos, vídeos, paródias que são comumente relacionados a notícias do cotidiano provenientes em grande parte de outros canais midiáticos, sendo estes a televisão, os jornais impressos e o rádio. (SOUZA, 2013, p. 131, apud SOUZA, 2016, p. 1466).

Tornou-se comum um assunto viralizar na internet e logo em seguida ser refletido e representado em diversas páginas de *memes*, a partir de um novo olhar; muitas vezes um assunto sério ou problemático para a sociedade é transformado em algo divertido para os internautas, a criatividade de seus criadores provoca uma série de sentimentos naqueles que o leem. Por conter uma dinamicidade, os *memes* estão constantemente se modificando e ganhando novas características, talvez, eles sejam a melhor representação das modificações pelas quais os gêneros passam, porém a essência permanece, a maioria deles sempre apresenta, em sua forma composicional, o jogo entre o texto verbal e o não verbal (imagens), em que há uma correlação entre os dois, podendo perder o sentido caso as duas linguagens sejam analisadas separadamente, é claro que esta não é uma regra universal quando nos referimos ao assunto *meme*, mas é importante o esclarecimento sobre esse aspecto.

No decorrer de sua descoberta e proliferação, o *meme* ganhou uma série de novidades fazendo com que ele não “caísse de moda”. Hoje, já contamos com novos designers na estética do *meme* à medida que alguns dos mais antigos foram perdendo seu lugar nas esferas que eram mais comuns a sua propagação. Iremos mostrar a evolução pela qual os *memes* foram passando no decorrer dos anos. Começemos a observar esse processo a partir das figuras a seguir:

Figura 1: Meme “Ragy Guy 1”



Fonte: <https://knowyourmeme.com/memes/rage-guy-ffffuuuuuuuu> (2018)

Figura 2: Meme “Ragy Guy 2”



Fonte: <https://knowyourmeme.com/memes/rage-guy-ffffuuuuuuuu> (2018)

Na figura 1, vemos o exemplo de um *meme* que é chamado de *Ragy Guy*, ele é um dos mais antigos e podemos notar esse aspecto a partir dos mecanismos usados para a sua criação; já, na figura 2, quando ele é inserido no contexto do gênero em si, notamos que os desenhos dos três primeiros quadros foram feitos no programa *paint* a partir do manuseio do *mouse*. De acordo com o site *Know your meme*³, este tipo de *meme* é usado para retratar “situações que

³ Na aba “sobre” do site, a equipe editorial explica que “**Know Your Meme** é um site que pesquisa e documenta memes da Internet e fenômenos virais. Fundada em dezembro de 2008, a pesquisa de Know Your Meme é

podem causar raiva e exasperação, com o personagem principal gritando de raiva como resultado” (KIM, 2018, tradução nossa)⁴, exatamente como nós vemos na figura 2, nos três primeiros quadros um incidente que causa sentimento de raiva e exasperação, e para representar estes sentimentos é usada a imagem do personagem principal no quarto quadro, com o uso das letras “FFFFFFUUUU...” subentende-se que o personagem esteja gritando. Além deste, os memes que se caracterizam como mais antigos, segundo Giardelli (2012) são: “Fuck Yea , Troll Face , LOL Guy , Challenge Accepted , Forever Alone e Epic Smiley”.

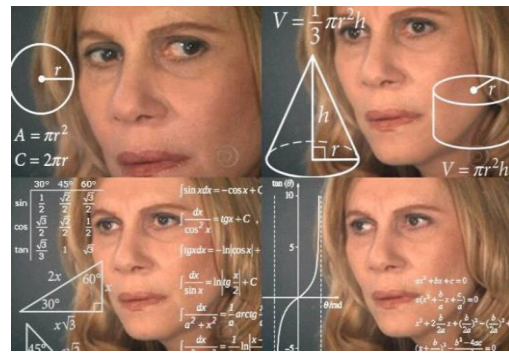
Desde a origem do *meme* até os dias de hoje, surgiram inúmeros outros. Os memes brasileiros são representados de forma tão significativa, que chegam a alcançar até um público de fora do Brasil, um deles é o “Nazaré Confusa”, que até hoje é considerado um dos mais famosos. Vejamos:

Figura 3: Imagem da personagem “Nazaré Tedesco”



Fonte: Disponível em
:https://abrilvejasp.files.wordpress.com/2016/12/nazaretedesco.jpg

Figura 4: Meme “Nazaré Confusa”



Fonte: Disponível em:
https://missaodigital.magazinebrasil.com.br/wpcontent/uploads/2017/11/3y3c6ojosq5qn1u1x0boctpyx.jpg

A personagem Nazaré Tedesco, interpretada pela atriz Renata Sorrah, na novela “Senhora do Destino”, ficou ainda mais conhecida após virar meme. Na figura 3 vemos a imagem de uma cena da vilã, que demonstra um semblante confuso; ao ser transformada em *meme*, foram acrescentadas a imagem fórmulas de matemática (figura 4), com esta união o *meme* demonstra, por exemplo, o quanto essas fórmulas são complexas e, muitas vezes, ao se deparar com elas, o estudante fica igual a personagem, sem entender nada, até hoje este *meme* é muito usado.

realizada por uma equipe profissional de editoria e pesquisa independente e por membros da comunidade. Em três anos de existência, o site cresceu para atingir mais de 9,5 milhões de pessoas todos os meses e é considerado a fonte mais autorizada de notícias, história e origens de fenômenos virais e memes da Internet.”

⁴ Utilizamos como autor da referência Brad Kim, por ser o editor chefe do site no qual foi retirada a citação.

Outra atriz que também virou *meme* foi Glória Pires, em uma participação da premiação do Oscar, a atriz teceu comentários permeados de frases curtas, algumas delas compostas por uma simples palavra, o que demonstrou que a atriz não estava atualizada acerca dos indicados ao prêmio. Esses comentários curtos fizeram com que os internautas criassem uma série de *memes* fazendo uso das expressões faciais que ela fazia, bem como das frases que ela usou. Observaremos a seguir, nas figuras 5 e 6, dois exemplos dessa ação dos internautas, além destes eles criaram outros com outras expressões e frases do tipo: “Não assisti”, “Curti sim filme de ação, bacana”, “Muito interessante”, entre outras.

Figura 5: Meme da Glória Pires: “Não sou capaz de opinar”



Fonte: Disponível em: https://img.r7.com/images/2016/03/18/4ywjvbfagn_3j3kszp2j_file?dimensions=660x440&no_crop=true

Figura 6: Meme da Glória Pires: “Ótimo”



Fonte: Disponível em: <https://todateen.com.br/wp-content/uploads/2016/02/gloria-pires-otimo.jpg>

Este *meme* mostra que eventos que ocorrem na sociedade, de modo geral, e com figuras públicas, em particular, são acompanhados constantemente, é como se estivessem, na verdade, sendo “vigiados” para que qualquer deslize cometido seja refletido através dos *memes* e espalhado por todo o território a partir dos meios de comunicação. Por se tratar de uma atriz conhecida, público/internautas criam expectativas que automaticamente são associadas à imagem de alguém que deve sempre saber de tudo, neste caso, por ela não ter atendido essas expectativas, o público não perdoou e não perdeu a oportunidade de ganhar *likes*⁵ nas redes sociais.

Assim como nas relações que acontecem face a face, as relações que ocorrem nos meios digitais também são permeadas de situações nas quais as interferências na vida uns dos outros e, principalmente, na opinião do outro, são bastante comuns, na verdade muitos casos da vida real são representados através dos *memes*. Como este fato também não poderia passar por despercebido, internautas criaram um *meme* que também ficou reconhecido e utilizado por

⁵ Palavra em inglês que quer dizer “gostar”, é o mesmo que “curtir”, algumas pessoas optam por pronunciar “likes”, outras pronunciam “curtir”.

muitos, basta pesquisarmos no *google* por “memes de Miko Hughes” que aparecerão uma série deles utilizando a imagem da figura a seguir (figura 7):

Figura 7: Imagem dos personagens da série “Três é demais”



Fonte: Disponível em: <https://filmow.com/noticias/22638/miko-hughes-ator-que-virou-meme-no-brasil-faz-agradecimento-no-instagram/>

Figura 8: Meme “Por que você não amadurece?”



Fonte: Disponível em: <https://2.bp.blogspot.com/-2Mb33200XnY/WFIGBHsCMHI/AAAAAAAAA62I/szgsEvoKXJskdurNpDhoFG-0av6WvtHhwCLcB/s1600/meme%2Bpor%2Bque%2Bvoc%25C3%25AA%2Bn%25C3%25A3o%2Bamadurece%2B3.jpg>

Trata-se de uma cena da série “Três é demais” na qual o personagem de Miko Hughes está debochando/chateando de alguma coisa, desta forma ela é hoje utilizada para expressar situações ou comentários desagradáveis que muitas das vezes são feitos nas relações cotidianas, o comentário desagradável está sempre na parte superior da imagem e a frase que é utilizada como resposta vem sempre na parte inferior, na qual todas as vogais das palavras são trocadas pela vogal “i” somente (figura 8), para dar ênfase na forma debochada/chateada e demonstrando também desgosto à pergunta/comentário feito.

Na medida que foram ganhando espaço nos meios digitais, os internautas foram criando também alguns *memes* que associam à ideia do antes e depois, bem como a ideia de expectativa *versus* realidade:

Figura 9: Meme “Abertura da copa”



Figura 10: Meme “Acordando para ver o eclipse solar”

Acordando para ver o eclipse solar.
Expectativa X Realidade



Fonte: Disponível em:
<https://metropolitanafm.com.br/wp-content/uploads/2018/06/6-11.png>

Fonte: Disponível em:
<https://pics.me.me/acordando-para-ver-o-eclipse-solar-expectativa-x-realidade-codiadere-15469763.png>

Estes *memes*, das figuras acima, são compostos a partir de duas imagens que são totalmente contrárias uma da outra. No caso da figura 9, a primeira imagem traz a foto de uma pessoa feliz e satisfeita pela abertura da copa de 2018, já na segunda imagem a mesma pessoa está chorando e decepcionada por não ter a presença da cantora Shakira que fez grande sucesso na abertura da copa de 2010 e, até hoje, muitos não superaram o fato da cantora não estar nas aberturas das copas seguintes. Sobre a figura 10, o eclipse é um acontecimento que sempre chama bastante atenção, e todas as vezes que é noticiada a ocorrência deste fenômeno no Brasil, a sociedade fica na expectativa para vê-lo, entretanto, a realidade, na maioria das vezes, não consegue superar as expectativas, por esta e por outras situações, os internautas criaram o *meme* da figura 10, adaptando-o de acordo com o contexto em que se encontram.

Fiorin (2008, p. 61), na sua obra *Introdução ao Pensamento de Bakhtin*, ao tratar dos gêneros literários, diz que “a história literária oscila entre períodos em que os gêneros são rigidamente codificados e aqueles em que as formas são mais livres, em que se abandonam as formas fixas” e isto é facilmente identificado com o exemplo que iremos mostrar a seguir, que ao compararmos com os *memes* apresentados anteriormente, podemos notar o abandono das formas fixas, e isso não é uma preocupação no estudo dos gêneros, com base nos pressupostos bakhtinianos, pois “interessam-lhe menos as propriedades formais dos gêneros do que a maneira como eles se constituem”. (FIORIN, 2008, p. 61).

Figura 11: Meme “Eu me tornei aquilo que eu mais temia”



Fonte: Disponível em:
<https://i.pining.com/236x/3c/28/79/3c28799dd89569ac6cce8adc3eb15da9.jpg>

É importante ressaltar que existem alguns aspectos que fazem com que pequenos textos, como o da figura 11, e até mesmo frases, sejam considerados como um *meme*. Contudo, não é qualquer texto, precisamos atentar para a forma composicional dele, neste caso, é fundamental atentar para alguns aspectos, primeiramente, perceber em qual suporte ele está inserido, existe sempre uma frase que é de praxe, no exemplo que usamos a frase é: “Eu me tornei aquilo que eu mais temia:”, seguida de uma situação que antes a pessoa tinha medo de se identificar e que hoje já se identifica; existem outros que começam sempre com a palavra “quando”, além disso, podemos notar que tem uma frase que as palavras estão todas em caixa alta, enfatizando a admiração e também o aumento no tom de voz, características próprias da linguagem utilizada na internet.

Sintetizando, foi perceptível que os *memes* aqui apresentados contaram com a extraordinária criatividade de seus criadores e a preocupação em representar os aspectos culturais pertencentes a sociedade, neste ponto, é interessante percebermos também que eles não nascem deslocados, pois:

Quando estudamos gêneros, é fundamental prestar atenção ao contexto e à comunidade discursiva que deles faz uso. Isso é necessário porque um gênero não se resume ao conjunto de textos que o constitui, mas inclui também propósitos comunicativos diretamente relacionados às pessoas que agem por intermédio dos gêneros. [...] para termos um bom entendimento de um gênero, devemos estabelecer claras relações entre os textos e as comunidades que os usam. (FILHO, SANTOS E RAMOS, 2017, p. 172).

Ou seja, por trás deles existem sempre histórias que dirão muito no momento da interpretação dos mesmos, no caso do *meme* da figura 9, por exemplo, o internauta precisa compreender todo o contexto, saber dos acontecimentos da copa de 2010, para que ele possa entender o *meme*. Esta foi apenas uma mínima exposição de alguns *memes*, porque a quantidade deles que circulam e fazem parte do cotidiano das pessoas e, principalmente dos jovens, são incontáveis, existem inúmeras páginas que publicam esse gênero.

É a partir dessas manifestações utilizando os *memes* que são estabelecidas, também, formas discursivas dentro dos espaços digitais, gerando, assim, a interação dentro desta esfera comunicativa, e, enquanto gênero, esse é um dos papéis que ele deve desempenhar, estabelecendo assim a comunicação no ciberespaço. A esse respeito, Fiorin explica que é nessa perspectiva que o estudo de Bakhtin inicia, segundo ele:

seu ponto de partida é o vínculo intrínseco existente entre a utilização da linguagem e as atividades humanas. Os enunciados devem ser vistos na sua função no processo de interação. Os seres humanos agem em determinadas esferas de atividades, as da escola, as da igreja, as do trabalho num jornal, as do trabalho numa fábrica, as da política, as das relações de amizade e assim por diante. (FIORIN, 2008, p. 61).

Nesse sentido, um *meme* é sempre produzido e compartilhado para estes fins, através dele é possível a ocorrência da manifestação, do posicionamento e defesa de uma ideia, e apesar de ser propagado dentro dos espaços digitais, ele vai sempre se estender para além deles, para outras esferas das atividades humanas, pois a nossa fala está sempre ancorada em um gênero e é sempre manifestada nas nossas relações humanas, independentemente de onde estejamos, a linguagem é parte fundamental de nossas vidas.

3.2 Do *twitter* para outros suportes: a circulação do gênero *meme* entre os jovens

O contexto da tecnologia digital tem exercido uma forte repercussão nas relações da sociedade contemporânea, convertendo as formas de interações tradicionais em formas de interações digitais, que abrigam uma série de novidades e, apesar de estarem inseridas no contexto virtual, é possível afirmar que:

Não tem nada de virtual, mas profundamente real a influência da internet e de suas infinitas páginas nas relações pessoais e profissionais. Essa nova forma de contato tem alterado significativamente os processos de interação, mediados pelos gêneros. (FILHO, ALVES & RAMOS, 2017, p. 175).

Nesse sentido, podemos conceber a internet com suas diversas páginas, como parte integrante deste novo processo de comunicação, sem esquecer da contribuição dos gêneros, neste caso os digitais, espalhados por diversos suportes virtuais. Os suportes dizem muito sobre as transformações pelas quais os gêneros passam e eles mudam de acordo com a transmutação dos gêneros, sobre esse aspecto Filho, Alves e Ramos (2017, p. 176) afirmam que “Os gêneros passam por um intenso processo de transição nos dias de hoje. Muitos deles, que antes ocorriam exclusivamente no meio impresso, estão migrando agora para os veículos virtuais”. O *meme* é um exemplo de gênero que circula unicamente nos meios digitais, por isso faz-se necessária aqui uma abordagem sobre os suportes nos quais ele circula. Conforme Mendes e Farago (2016), o trabalho com os suportes digitais são necessários para formação do leitor, uma vez que:

Atualmente a sociedade vivencia um período tecnológico, em que os conhecimentos e as informações chegam até as pessoas rapidamente através da internet. As crianças nascidas nessa geração crescem tendo o contato constante com diversas tecnologias, por isso devemos destacar que os suportes digitais devem fazer parte da formação leitora delas. (MENDES e FARAGO, 2016, p. 206).

Se os gêneros digitais se encontram inseridos nos meios tecnológicos, visivelmente eles chegam até os leitores por meio dos suportes digitais, diferente da carta, do conto, e da fábula, que são gêneros que chegam até o leitor através do suporte impresso: o papel. Nesse sentido, o suporte digital é compreendido como os veículos que utilizamos dentro da internet

para ter contato com esses novos gêneros digitais e, assim, realizar essas novas práticas de leitura através da tela de um computador, celular, tablete, etc. Na perspectiva de Mendes e Farago (2016) as formas de leituras no âmbito digital são divididas em duas:

[...] o texto, que segue uma leitura linear, assim como nos meios impressos, e o hipertexto, que apresenta uma leitura não sequenciada, possibilitando que leitor escolha diversos caminhos para a leitura de um tema. (MENDES E FARAGO, 2016, p. 206).

Ou seja, na leitura que acontece nos suportes digitais o leitor encontra diversas outras possibilidades de aprofundar o conhecimento de um determinado assunto, a partir de outros caminhos que lhe são oferecidos, no momento exato da leitura, isso ocorre por meio dos *links* que são encontrados nos textos digitais e direcionam o leitor para outros “lugares”, caso ele queira ou não; já na leitura realizada nos suportes impressos, o leitor pode recorrer, por exemplo, a um dicionário a fim de entender palavras desconhecidas. Por outro lado, Koch (2011, p. 61) defende que “[...] todo texto é um hipertexto”, ou seja, independente dele estar inserido ou não no suporte digital, todo texto direciona o leitor para outros caminhos, fazendo-o compreender outros sentidos dos textos. Retornando para o gênero digital *meme*, veremos alguns suportes nos quais podemos encontrá-lo.

O Twitter é considerado hoje uma “fábrica de *memes*”, e é dele que se originam grande parte dos *memes* que circulam entre as pessoas, sendo em sua maioria um público formado por jovens. Embora seja uma rede social de difícil acesso⁶, em comparação a outras, é a partir dele que muitos *memes* surgem e são espalhados para outras redes sociais, como: Facebook, WhatsApp, Instagram, etc. Nele existe um público fiel, que permanece atento vinte e quatro horas por dia em tudo o que está acontecendo no Brasil, e até mesmo no mundo, daí conclui-se o aspecto do ineditismo da rede social, no que se refere a criação dos *memes*, além de ser uma rede social que privilegia a rapidez na troca de informações. Alguns estudos⁷ já foram desenvolvidos, por diversas áreas, entre as quais área da educação, a fim de expor a eficácia desta rede social em toda a dimensão da comunicação.

⁶ Em um levantamento feito por Costa (2018) a rede social se encontra somente em 5º lugar entre as mais usadas no Brasil.

⁷ A título de exemplo, indica-se a exposição sobre o twitter no Portal do Professor. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012578.pdf>> Acesso em: 15 out 2018; a tese de Fernandes (2016), que relaciona twitter e literatura, disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/27251/1/ulfl228115_tm.pdf> Acesso em 16 out 2018; Na área do jornalismo encontramos o trabalho de Caselli e Pimenta (2011), intitulado *Twitter: A Nova Ferramenta Do Jornalismo*. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/R24-0578-2.pdf>> Acesso em 16 out 2018.

Como sabemos, a participação de alguns jovens em outras redes sociais é mais significativa do que no *twitter*, portanto, para estes jovens os suportes que eles têm contato com os *memes* são outros. Segundo informações de Costa (2018, [p. 01] paginação nossa) o *Facebook* e o *WhatsApp* estão nos primeiros lugares entre as redes sociais mais usadas no Brasil, logo subentende-se que estes sejam ambientes onde os *memes* circulam e alcançam um número considerável de jovens. No *Whatsapp*, a prioridade é a conversação, por meio da troca de mensagens, áudios, chamadas de voz e de vídeo, seja ela em grupos ou em conversas privadas; nessas redes, os *memes* se espalham em forma de compartilhamentos dentro das conversas ou nos *status*, e no *Facebook* por meio das publicações e compartilhamentos entre os amigos.

Contamos ainda com o *Instagram*, uma rede social onde a circulação dos *memes* é bastante frequente, esta circulação ocorre através de perfis que são criados propriamente para este fim. Nesta rede social, os perfis pessoais não atentam tanto para o ato do compartilhamento dos *memes*, por isso a circulação deles é mais presente em perfis não pessoais, a saber, dentre os mais conhecidos: Chapolin Sincero, Suricate Seboso, Bode Gaiato, Nazaré Amarga, Escola da Depressão, Graduação da Depressão, entre outros. Diferente do *twitter*, nele não há a possibilidade de criação dos *memes*, portanto ele configura-se apenas como um suporte de circulação, neste caso todos os *memes* que nele circulam são advindos de outros meios, podendo ser das outras redes sociais ou de aplicativos de criação de *memes*, pois hoje já existem alguns aplicativos disponíveis para sistema *Android* e *IOS*, que possibilitam essa ação.

Atualmente, tanto nos meios digitais quanto em outros ambientes, nos deparamos com situações em que pessoas utilizam-se das criações textuais de outras, fazendo com que pensem que são de sua autoria, tal ação é nomeada por plágio; no mundo dos *memes*, é algo recorrente, o que dificulta a identificação do suporte de origem. Diante disso surgem algumas inquietações que geram conflitos nas redes, como: “qual o suporte de origem? em qual página ele apareceu primeiro? quem é o autor? em quem confiar?”, são dúvidas para aquele público mais atento aos acontecimentos da rede, entretanto são perguntas que nem sempre alguns internautas fazem ao se deparar com os *memes* plagiados, neste ponto assinalamos a importância da formação do leitor para constatar a legitimidade do gênero em questão.

Para entendermos como isso ocorre na prática, vejamos dois exemplos de *memes* praticamente iguais e em páginas diferentes:

Figura 12: Meme “Você me viu na rua mas nem

Figura 13: Meme “Te vi na rua, por que não falou

falou comigo”



Fonte: Disponível em: https://cdn.dopl3r.com/memes_files/voce-me-viu-na-rua-mas-nem-falou-comigo-motivo-VDWU7.jpg

comigo?”



Fonte: Disponível em: https://www.google.com.br/search?rlz=1C1CHZL_pt-BRBR737BR738&tbm=isch&sa=1&ei=wQHqW9DAIZP4wAT3rZFW&q=meme+te+vi+na+rua+por+que+n%C3%A3o+falou+comigo&oq=meme+te+vi+na+rua+por+que+n%C3%A3o+falou+comigo&gs_l=img.3...70377.78523.0.79317.24.24.0.0.0.422.3531.0j10j4j1j1.16.0....0..1c.1.64.img..10.0.0....0.0sY118vaxTE#imgcr=leImD8X6r_5ZQM:

Os dois *memes* demonstram exatamente a mesma situação, no entanto pertencem a páginas diferentes, o da figura 12 é da página *Chapolin Sincero* e o da figura 13 da página *Coisas da Kat*, ambos foram compartilhados em suas respectivas páginas, mas de quem é a autoria? Esta é uma dúvida que dialoga frequentemente com as concepções de suporte nas criações e compartilhamentos dos *memes* nos meios virtuais, tornando assim um ambiente desorganizado e deixando a desejar nesses aspectos. Nesse caso, o suporte não mudou, o que mudou foram alguns aspectos do gênero, foram acrescentadas características próprias da página, como a imagem dos personagens (Chapolin e Kat) e no texto verbal a frase/pergunta foi alterada, contudo, o objetivo dos dois *memes* se mantiveram iguais. Então, este é um aspecto que deve ser considerado e compreendido no estudo do *meme*. Na internet, o grande objetivo de muitos usuários e administradores de páginas ao compartilharem esses *memes* é o reconhecimento através do ganho de curtidas, independentemente da forma com que se chegue a elas, por esse motivo, uma vez ou outra casos como estes são encontrados nos suportes que o gênero circula.

É notório, a partir das experiências nas relações cotidianas e nas publicações feitas nos perfis dos jovens, que o gênero *meme* tem uma boa receptividade, com isso notamos a necessidade de fazer desses suportes um caminho eficaz para o letramento nos ambientes virtuais, não somente com o uso do *meme*, mas também fazendo uso dos demais gêneros

digitais que vem surgindo ao longo dos anos, a exemplo, os citados no “capítulo 1” desta pesquisa. Não se deve mais abster-se da realidade com que a internet está inserida na vida dos indivíduos, e de forma especial na vida dos alunos que é o foco no processo de ensino. No que se refere às estratégias de escrita nos suportes digitais e a como fazer uso deles, Elias (2014, p. 160) destaca que “no universo das redes sociais, são muitas as práticas de escrita [...] destaco o diário on-line, também chamado de ciberdiário, webdiário ou weblog ou simplesmente blog”, para a autora essas práticas devem ser utilizadas visando um melhor desempenho dos alunos, além de possibilitar que, a partir desses usos, eles criem maior propriedade com o uso consciente desses suportes para as suas escritas. Tendo em vista que essas práticas de escrita não devem ser feitas de qualquer forma e nem devem perder a seriedade, Elias orienta que:

essas produções exigem que seus produtores se situem em relação ao espaço de escrita configurado na tela do computador e os recursos próprios à sua prática nesse meio, além, é claro, da utilização de muitas estratégias referentes ao uso da língua [...]. (ELIAS, 2014, p. 160).

Assim, o escritor deve adaptar-se aos mecanismos que lhe são oferecidos, pois os espaços e ferramentas disponíveis são diferentes daqueles que ele estava acostumado a utilizar, como as versões impressas, além de contar com novas formas de linguagem. Desse modo, ao utilizar esses espaços, esses aspectos mencionados por Elias devem ser considerados para uma melhor estruturação da escrita e leitura digital, bem como uma melhor interação entre escritor e leitor. É certo que quando pensamos no aluno, que ao ser solicitado a fazer uma produção textual na internet irá fazer diferente das que são solicitadas em sala de aula, sob o auxílio apenas de um papel, isso ocorre não porque ele tenha conhecimento das estratégias⁸, mas porque ele já se encontra familiarizado com o ambiente e tem conhecimento das características da linguagem ali utilizada. Portanto, interessa saber quais objetivos foram traçados para os alunos chegarem ao alcance do letramento digital e o que foi pensado ao elaborar uma atividade que fizesse o uso do suporte digital.

⁸ Essas estratégias são definidas por Elias (2014) em seu texto *Escrita e práticas comunicativas na internet*, são elas: Estratégias de contextualização, Estratégias de enunciação, Estratégias metacomunicativas, Estratégias de progressão temática e Estratégias de referenciação, para ela essas estratégias são usadas por aqueles que produzem textos na internet.

4 O GÊNERO *MEME* E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Neste capítulo temos o objetivo de apresentar possíveis formas de trabalhar com o gênero *meme* nas aulas de língua portuguesa, para tanto a abordagem foi dividida em três subtópicos, em todos eles foram feitas análises de *memes* e indicações de conteúdos da disciplina que podem ser explorados a partir do uso do gênero.

As imagens utilizadas neste capítulo foram retiradas da página “Bode Gaiato”, a mesma possui perfil em diversas outras redes sociais, entretanto o presente trabalho teve como fonte a rede social *Instagram*. A página foi criada por um morador de Recife e conta hoje com um número considerável de seguidores, nela o autor publica diariamente diversos *memes* os quais tratam de diversos assuntos e situações cotidianas fazendo o uso de uma linguagem divertida e própria da região Nordeste.

4.1 O estudo do *meme* na sala de aula

O *meme* possui hoje uma representação social muito forte, e já faz parte do cotidiano de muitas pessoas, nele é possível identificar uma gama de aspectos, que não estão relacionados apenas com o objetivo de fazer o leitor/internauta rir. Podemos perceber no gênero *meme* diversos elementos que podem ajudar na didática do professor em seu trabalho nas aulas de Língua Portuguesa, uma vez que ele é um texto multimodal, envolve diversas linguagens, como, o texto verbal e/ou não verbal; em alguns deles encontramos também elementos multissemióticos, que ajudam o leitor/aluno a melhor compreender o texto, dado que:

Nesses gêneros, a relação entre palavra e a imagem e outros recursos, como sons, links, artes gráficas, desenhos fotos, permitem modos de ler diferenciados e trazem diversos elementos portadores de sentido. (VIEIRA, 2012, p. 1-2).

Desse modo, compreendemos a importância de explorar em sala de aula essas novas formas de leitura, pois estes elementos estão presentes não só nos *memes*, mas em diversos textos que circulam na sociedade, ou seja, estamos constantemente nos deparando com textos que envolvem elementos verbais, imagéticos, sonoros, etc., assim temos que preparar leitores capazes de explorar textos que contenham não só a linguagem verbal, mas que contenham também essa multiplicidade de signos.

Além disso, há no conteúdo dos *memes* fatores relacionados aos acontecimentos da sociedade, aos mecanismos linguísticos, as variações linguísticas, etc. Tudo isso gera incontáveis discussões que podem ser levadas para a sala de aula e tornará produtivo o processo de ensino aprendizagem, uma vez que o professor estará fazendo uso de um gênero

que é atraente para o aluno. Nesse sentido, o *meme* se apresenta como um gênero digital bastante propício para tal utilização. Conforme Filho, Santos e Ramos (2017),

[...] professores dos mais variados níveis constatam, nas salas de aula, como os gêneros digitais seduzem os alunos mas nem sempre sabem como adaptar os conteúdos ao novo formato e à nova dinâmica da web. (FILHO, SANTOS & RAMOS, 2017, p. 165).

O que nós podemos notar é que apesar dos gêneros digitais serem elementos atrativos, ainda existem inquietações nos profissionais em relação aos modos de inseri-los no contexto da sala de aula, ou seja, há ainda uma dificuldade na metodologia a ser utilizada no uso dos gêneros digitais. Nesse sentido, é necessário que os profissionais tenham conhecimento que

Há vários caminhos para iniciar a abordagem de gêneros digitais em sala de aula. Seja mostrando aspectos linguísticos que os caracterizam, seja revelando objetivos e peculiaridades desses gêneros e suportes, seja destacando aspectos específicos de sua constituição, [...] ou ainda sensibilizando os alunos para a multimodalidade tão presente na internet. Resta o professor selecionar o caminho mais adequado à sua turma, conforme o conteúdo programático e os objetivos que pretende alcançar. (FILHO; SANTOS; RAMOS, 2017, p. 183).

Para seguir estes caminhos é recomendável também que o professor selecione o gênero que favoreça o desenvolvimento dessas abordagens, além disso, é importante levarmos em conta as recomendações dadas para o uso das novas tecnologias em sala de aula, e o uso do *meme* torna isso possível, visto que ele se encontra inserido no contexto da tecnologia digital. Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s de língua portuguesa de 5^a a 8^a séries, no que se referem a seleção dos textos a serem utilizados nas aulas de língua portuguesa, orientam que:

Os textos a serem selecionados são aqueles que, por suas características e usos, podem favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada. (BRASIL, 1998, p. 24).

Numa busca e seleção de *memes* na internet é possível encontrar muitos que se encaixam nesses aspectos citados pelos PCN’s, como já mencionado nesta pesquisa, o *meme* é um gênero que faz referência aos acontecimentos da sociedade, dessa forma, o posicionamento de quem cria e de quem compartilha é inserido neste gênero digital, como veremos nos exemplos a seguir:

Figura 14: Meme “Parado, isso é um assalto”

Figura 15: Meme “Sobre a venda do WhatsApp”



Fonte: Página Bode Gaiato no Instagram



Fonte: Página Bode Gaiato no Instagram

No *meme* da figura 14, o autor trata de um assunto que tomou conta da sociedade brasileira no início de 2018, que foi o aumento no preço do combustível. Percebemos que na imagem em nenhum momento foi mencionado que houve aumento no preço da gasolina, logo, ao ser utilizado nas aulas, o aluno será levado a refletir sobre seus conhecimentos de mundo e fará inferências de possíveis informações implícitas no texto, pois o *meme* retrata que a gasolina tornou-se algo tão caro/valioso que os assaltantes preferem a gasolina em vez do carro ou de outros pertences do indivíduo, isso pode ser considerado também como uma crítica aos responsáveis pelo aumento. Outra temática que o *meme* aborda é a violência, a partir do “assalto” que foi anunciado, desse modo o professor pode propor que o aluno transforme esse gênero em outro, a partir das temáticas que ele apresenta, *violência e aumento do combustível*, neste caso os alunos já estarão realizando atividades relacionadas à leitura, análise e produção textual, tudo a partir do uso gênero *meme*. Assim, eles poderão desenvolver um texto dissertativo-argumentativo, por exemplo, e poderão realizar a reflexão crítica proposta a partir do uso dos gêneros digitais e apresentar possíveis soluções para os problemas em questão, por trás do aumento da gasolina existem diversos fatores relacionados aos problemas que a sociedade enfrenta, problemas estes que vão gerando outros.

O *meme* da figura 15 também relata um acontecimento da sociedade, ocorrido na época em que o *Facebook* comprou o *WhatsApp* em 2014, a partir deste *meme* percebemos a criatividade do autor, por meio do diálogo entre as duas pessoas ele expôs a informação do valor do aplicativo, além dos traços de humor a partir do não entendimento de um dos personagens do *meme* sobre a compra, expressos nas falas “compraro de besta, gastaro

dinhêro a toa” e “porque eu baixei de graça”. Como o aluno, ao se deparar com este *meme*, explicaria/interpretaria o equívoco do personagem autor dessas falas?. Percebemos o quanto o *meme* favorece a leitura e compreensão dialógica, pois a leitura não acontece de forma individual, mas de forma compartilhada, por exemplo, entre os vários alunos de uma determinada turma e o professor, assim, a compreensão será também de forma compartilhada, abrindo uma série de possibilidades de interpretações, uma vez que cada aluno carrega uma ideia diferente e possui formas de interpretações diferentes, com isso o aluno tem um encontro com diversas vozes que são diferentes da dele e que facilitam a compreensão do texto, desse modo, o trabalho com o *meme* se torna relevante, visto que ele possui essa ideia de compreensão dialógica. Portanto, a maneira que um determinado aluno entende um *meme*, pode ser diferente da maneira que o outro aluno entendeu, pois cada um interpreta um texto a partir daquilo que já viveu e conhece, assim, se essas ideias e formas de pensar são compartilhadas entre os vários leitores, há um favorecimento do processo de construção da linguagem. Isso nos lembra um dos conceitos bakhtinianos relacionados ao diálogo: a voz.

Vivo em um mundo povoado de palavras alheias. E toda a minha vida, então, não é senão a orientação no mundo das palavras alheias, desde assimilá-las, no processo de aquisição da fala, e até apropriar-me de todos os tesouros da cultura. (BAKHTIN, 1979a, p. 347-8 *apud* BUBNOVA; BARONAS; TONELLI, 2011, p. 271).

Essas palavras alheias, que se manifestam por meio de vozes formando os enunciados já fazem parte da vida do ser falante e ajudam a construir o sentido nas relações comunicativas, daí a importância do compartilhamento dessas vozes entre os alunos e professores.

Sabemos que a compra citada no *meme* (figura 15) refere-se a toda dimensão de posse do aplicativo, que dá ao dono a liberdade de fazer o que quiser com o aplicativo, e não apenas ao *download* que os usuários fazem em seus *smartphones*. É claro que o autor do *meme* tem conhecimento disto, mas o intuito dele é provocar no leitor/internauta o humor que é aspecto característico dos *memes*, desse modo, comprovamos mais uma vez o traço informativo do *meme*, uma vez que este gênero está sempre atento as ocorrências na sociedade. No capítulo 2, desta pesquisa, vimos que existem variados tipos de *memes*, e é certo que nem todos se adequam aos conteúdos das aulas, desse modo, o professor deve selecionar aqueles que melhor se encaixam nos objetivos a serem alcançados.

Assinalamos que apesar do gênero *meme* estar tão presente na vida do aluno, não enquanto aluno em si, mas enquanto um jovem que presencia constantemente a circulação desses *memes* na vida social, esses gêneros não são percebidos por eles como um elemento da

linguística, que pode ser utilizado para fins educativos, ou seja, quando ele faz uma pesquisa na internet e coloca na caixa de busca a palavra “meme”, vai aparecer uma série de imagens que representam o gênero (os mais conhecidos, os que mais se destacaram em uma determinada época, os mais utilizados), e não um estudo sobre o uso do *meme* que foi desenvolvido em sala de aula.

Em muitas situações, os alunos têm um domínio maior sobre esses ambientes virtuais do que os próprios professores, por isso, “[...] não há como negar a importância de trabalhar na escola esses gêneros [...], mostrando aos alunos como eles se estruturam, quais as suas características mais marcantes, como lê-los e produzi-los” (FILHO; SANTOS; RAMOS, 2017, p. 178). Dessa forma, já que vivemos em uma sociedade cada vez mais tecnológica, o professor poderá transformar a internet, que é constantemente utilizada pelos alunos, em uma grande sócia no trabalho com os gêneros digitais. Assim, o aluno compreende que esse mundo tecnológico que ele faz parte não está preso somente às funções daquele ambiente, mas é algo que pode ir além da tela de um computador, celular, tablete, etc., e transbordar para as necessidades deles enquanto alunos e dos professores que precisam ensinar seus inúmeros conteúdos na sala de aula, pois

diante dos avanços tecnológicos e das possibilidades criadas cotidianamente pelos meios digitais disponíveis para se estabelecer a comunicação, faz-se urgente perceber os nossos educandos como atores protagonistas na construção de saberes significativos, reconhecendo o lugar que eles ocupam como produtores de conhecimento em novas mídias. (SOUZA, 2014, p.1477).

Sobre o uso dos *memes* em sala de aula, este é um trabalho que tem ganhado bastante atenção nos últimos anos, e tem se comprovado a eficácia do gênero enquanto um mecanismo utilizado pelos professores para os alunos chegarem ao conhecimento desejado, principalmente, no que se refere às aulas da disciplina de português. O gênero *meme* está presente na vida do aluno, é atrativo e circula facilmente entre eles, e estes são aspectos que facilitam o ensino de língua portuguesa contemplando fatos que fazem referência à realidade que esses alunos vivem. Diante disso, percebemos a necessidade de intensificar este ensino baseado nos gêneros, e de forma mais específica, a partir do gênero *meme*.

Como já vimos anteriormente, os *memes* são grandes exemplos de textos que trazem informações implícitas, que ajudam a provocar no aluno a curiosidade para descobri-las e conseguir interpretar a mensagem que nele está escondida, é justamente isso que dá sentido ao texto e constrói no aluno uma identidade investigativa, capaz de fazê-lo ir sempre além, e não se contentar apenas com aquilo que de imediato o texto está mostrando, dessa forma, as

dificuldades que os alunos enfrentam em relação a limitação da compreensão do aprendizado serão superadas aos poucos.

4.2 *Meme* e o estudo da variação linguística

O Brasil é formado por um território que abriga cinco regiões diversificadas, dentre essas diversidades, a língua é um dos fenômenos marcantes na fala e na representação das pessoas. Desde o descobrimento do Brasil, em que a língua portuguesa foi imposta aos nativos, temos este idioma como língua oficial, que é a língua tida como correta uma vez que é baseada na gramática normativa e que é ensinada nas escolas. Entretanto, sabemos que na história do Brasil a língua portuguesa não se manteve estagnada, ela passou e passa constantemente por modificações, como, por exemplo, no caso de: *vossa mercê* > *vossemecê* > *vosmecê* > *você* > *ocê* > *cê*, este é um dos processos pelos quais a língua passa e que podemos chamar de mudança linguística, processo que ocorre de forma sincrônica, isto é, através do tempo. Por outro lado, há também as variações linguísticas, que ocorrem sincronicamente, a partir de fatores relacionados a classe social, ao grau de escolaridade, a zona de residência. A esse respeito, Costa (1996) explica que essas mudanças e variações ocorrem porque:

[...] toda língua é um conjunto heterogêneo e diversificado porque as sociedades humanas têm experiências históricas, sociais, culturais e políticas diferentes e essas experiências se refletirão no comportamento linguístico de seus membros. (COSTA, 1996, p. 52).

Dessa forma, a variação linguística faz parte da língua portuguesa falada no Brasil, mesmo que no cenário brasileiro ela esteja inserida no grupo de fala das classes menos favorecidas. É preciso entender que cada ser humano falante carrega em sua história experiências de situações individuais e isto gera particularidades também em suas falas, abrangendo o aspecto da sociedade e/ou grupo ao qual pertence, estes são fatos que não devem ser diminuídos, tampouco excluídos da história da língua portuguesa no Brasil, porque isso não é um aspecto percebido recentemente, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s de língua portuguesa,

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. **Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa.** Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. (BRASIL, 1998, p. 29, grifo nosso)

Contudo, desenvolveu-se na sociedade um pensamento preconceituoso, que desprestigia e julga como errado o uso dessas variações, porque os falantes que delas fazem uso são automaticamente associados às pessoas pertencentes às classes menos favorecidas, residentes em zonas mais pobres e que não tem/tiveram boas oportunidades de acesso à escola, isso de fato são fatores que influenciam, mas o que muitos não sabem é que “[...] muitas formas não padrão também ocorrem na fala de pessoas com nível superior, principalmente em momentos mais informais” (CEZARIO; VOTRE, 2017, p. 142), é claro que este é um caso específico e que as variações não ocorrem com uma linearidade. É para entendermos estes fenômenos que podemos contar com a sociolinguística, que estuda a língua a partir dos acontecimentos reais de seu uso. Algumas variações não ocorrem deslocadas, existem situações que levam o falante para tal ação, por esse motivo é que:

cabe ao sociolinguista descobrir os contextos que favorecem a variação: a) na fala de um mesmo grupo de falantes; b) entre grupos distintos de falantes divididos segundo variáveis convencionais, a exemplo de sexo, idade, escolaridade, procedência, etnia, nível socioeconômico. (CEZARIO; VOTRE, 2017, p. 143)

Em um grupo de jogadores de futebol, por exemplo, existem as formas comunicativas que lhes são próprias, que para outros grupos podem ser desconhecidas, da mesma forma acontece com um grupo de jovens, um grupo de idosos, entre outros, que também possuem características próprias em suas falas. Essas variações podem ser classificadas em três tipos básicos:

(a) *variação regional*, associada a distâncias espaciais entre cidades, estados, regiões ou países diferentes; [...] (b) *variação social*: associada a diferenças entre grupos socioeconômicos, compreende variáveis como faixa etária, grau de escolaridade, procedência; (c) *variação de registro*: tem como variantes o grau de formalidade do contexto interacional ou do meio usado para a comunicação [...]. (CEZARIO E VOTRE, 2017, p. 144-145).

Nos níveis da língua contamos ainda com a variação de “nível lexical, fonético-fonológico ou gramatical” (CEZARIO; VONTRE, 2017, p. 145). Importa dizer ainda que acontecem as adaptações de fala de acordo com as ocasiões de uso, o indivíduo por compreender que a variação linguística tem menos privilégio que a norma padrão adequa a sua fala ao momento de uso, sobre isso, Cezario e Vontre (2017, p. 145) explicam que “O contexto situacional é responsável por uma série de variações linguísticas. Dependendo da situação em que o falante se encontra, ele utiliza mecanismos diferentes para se expressar”, ou seja, se ele está num grupo de amigos em uma festa ele utiliza uma linguagem mais informal, desprendida de regras, mas se ele está em uma reunião de trabalho ou numa apresentação

acadêmica se preocupa em utilizar uma linguagem formal, ancorada na norma padrão, essas são variações na qual percebemos que não acontecem de forma espontânea e assim podemos constatar que as variações são elementos que fazem parte do ser humano, ninguém fala unicamente segundo a norma padrão.

Retomando a questão da variação linguística no ensino de língua materna, observamos a posição de alguns teóricos acerca do assunto em questão. Inicialmente, no que se refere ao respeito as variações linguísticas, Magda Soares afirma que:

de um lado há os que pretendem que a escola deva respeitar e preservar a variedade linguística das classes populares, e sua peculiar relação com a linguagem, consideradas tão válidas e eficientes, para comunicação, quanto a variedade linguística socialmente privilegiada. Nesse caso, a escola deveria assumir a variedade linguística das classes populares como instrumento legítimo do discurso escolar (dos professores, dos alunos e do material didático). Por outro lado, há os que afirmam a necessidade de que as classes populares aprendam a usar a variedade linguística socialmente privilegiada, própria das classes dominantes, e aprendam a manter, com a linguagem, a relação que as classes dominantes com ela mantêm, porque a posse dessa variedade e dessa forma específica de relação com a linguagem é instrumento fundamental e indispensável na luta pela superação das desigualdades sociais. (MAGDA SOARES, 1983, *apud* Geraldi 2006, p. 44).

Desse modo, dentre os muitos teóricos estudiosos na área, existem aqueles que se colocam em uma posição de maior apoio as variedades linguísticas e aqueles que se colocam em defesa da norma padrão. Entretanto, num país como o Brasil e tendo em vista a diversidade que nele é encontrada não deveria haver privilégios dados a uma determinada variante, pois ao nos colocarmos em defesa de uma única variante estamos automaticamente desvalorizando a outra. Se uma das causas das desigualdades sociais decorre do fato de haver o preconceito linguístico, não devemos dar prioridade a nenhuma das variantes encontradas no Brasil, mas colocá-las em níveis iguais de importância para o exercício da linguagem, como pontua Oliveira (2017, p. 8): “a orientação é a de que se considerem funcionais todas as variedades linguísticas, inclusive a padrão”. O que deve ser entendido pelo aluno é que “uma forma linguística não é, em si mesma, melhor que outra. É, na verdade, mais (ou menos) adequada, dependendo das situações em que é usada” (ANTUNES, 2003, p. 95), ou seja, existe sim uma regra, mas essa regra não tira a existência das outras variações linguísticas.

Por outro lado, Possenti (2006, p.33) ao tratar do ensino do português, defende que “o objetivo da escola é ensinar o português padrão, ou talvez mais exatamente, o de criar condições para que ele seja aprendido. Qualquer outra hipótese é um equívoco, político e pedagógico”, nesse sentido o autor deixa claro a sua defesa em relação a importância do ensino do português padrão e de que este não deve ser negado ou deixado de lado. Já Bortoni, esclarece que o

fator que recomenda o ensino da norma culta é a importância que este aprendizado tem na **mobilidade social do indivíduo**. Qualquer pessoa precisa dominar a variedade linguística de prestígio para poder ter acesso a níveis superiores de ensino e assim **obter empregos bem remunerados**. (BORTONI, 2005, p. 36, grifo nosso).

Dessa forma, o objetivo não seria estudar a norma culta/padrão para obter os conhecimentos linguísticos dela, mas estudá-la para buscar a realização de si próprio, ser um indivíduo que se destaque socialmente e que ocupe um lugar de prestígio na sociedade, assim como a língua que o indivíduo aprendeu. Durante muito tempo tem sido assim, o prestígio social do indivíduo é associado à variedade linguística que ele faz uso, contudo “os vernáculos e as variedades populares constituem a língua da grande maioria da população. Apesar disto, esses dialetos têm recebido muito pouca atenção. É tempo de conferir prioridade ao estudo da ‘linguagem das maiorias’” (BORTONI, 2005, p. 37), isso ocorre porque o público das classes menos favorecidas é bem maior do que o das classes mais favorecidas, portanto, Bortoni reconhece que é o momento dos profissionais da educação voltarem seus olhares para essas questões no ensino de língua materna.

Diante disso, precisamos nos livrar da mentalidade de que existe apenas uma língua certa a ser utilizada no Brasil e incorporar a importância da variação linguística ao ensino de língua materna, pois o próprio PCN de língua portuguesa nos afirma que a imagem de uma língua única não se sustenta. O objetivo aqui não é propor aos professores ensinar os alunos a falarem e a escreverem errado, como muitos podem ter o equívoco de tal pensamento, mas, à luz do que a Base Nacional Comum Curricular orienta, criar possibilidades para:

Conhecer algumas das variedades linguísticas do português do Brasil e suas diferenças fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas, avaliando seus efeitos semânticos.

Discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica. (BRASIL, 2017, p. 81)

Assim, podemos a partir das orientações indicadas pela BNCC, considerar o uso das variações linguísticas sob outras perspectivas, e abrir espaços nas salas de aulas para discussões construtivas acerca do assunto, despertando no aluno o entendimento de que a língua não é constituída apenas gramaticalmente, combatendo, dessa forma, o preconceito linguístico existente no país, que muitas vezes priva o aluno de se expressar, seja por meio da oralidade ou da escrita, por medo de estar “errado”. Assim, há uma abertura de possibilidades para o conhecimento do acervo cultural que o Brasil oferece, pois o aprendizado não deve ser limitado ao individualismo, nem preso aos limites de seu estado ou município, mas deve ir além dessas fronteiras.

Nesse sentido, Brasil (2017) orienta que essas reflexões sobre o fenômeno da variação linguística em sala de aula devem ser feitas a partir da análise linguística com o uso dos gêneros textuais (textos orais, escritos, multissemióticos), é nesta perspectiva que o trabalho com o *meme* pode ser contemplado, enquanto um gênero digital que pode contribuir para que os objetivos sejam alcançados, além de ser um gênero que contempla os aspectos multissemióticos que ajudam o aluno na construção do sentido do texto, característica fundamental no processo de leitura.

Portanto, seguindo a orientação da BNCC e dos estudos supracitados, mostraremos possíveis formas de levar a variação linguística ao conhecimento dos alunos a partir do uso do gênero digital *meme*. Para isso utilizaremos alguns *memes* retirados do perfil oficial da página “Bode Gaiato”, hospedado na rede social Instagram.

Figura 16: Meme “Mãe chegando cedo em casa”



Fonte: Página Bode Gaiato no Instagram

Figura 17: Meme “Namorada que gasta demais”



Fonte: Página Bode Gaiato no Instagram

Figura 18: Meme “Junin brincando na terra”



Fonte: Página Bode Gaiato no Instagram

Apresentamos três exemplos de textos que podem ser encontradas variações do tipo regional. Na figura 16, temos “oxe” e “infiliz das costa ôca”, a palavra “oxe” (no *meme*) ou oxente é comumente utilizada na região nordeste para expressar vários sentimentos, alguns nordestinos dizem até que “oxe” é resposta para tudo, mas existe um significado para a utilização, pode expressar surpresa, espanto, irritação, etc. A expressão “infiliz das costa ôca” é utilizada para referir-se a uma pessoa que tem tuberculose ou somente para insultar, ofender o outro, que é o caso da situação representada no *meme*. Na figura 17, temos as palavras “conto” e “bixiga”, a primeira é usada como variação da palavra real, para referir-se a dinheiro; a segunda é outra palavra típica dos nordestinos usada para expressar um xingamento, indignação, etc. Já na figura 18, temos a expressão “couro quente” que é característica do estado do Ceará, comumente usada pelos pais como uma forma de ameaça aos filhos em caso de alguma desobediência, por exemplo: “menino, se tu não me obedecer vai dormir de couro quente”, significa dizer que o menino irá levar uma surra.

Na mesma página ainda podemos encontrar exemplos de *memes* com variações de nível gramatical (figura 19) e variações do tipo social (figura 20):

Figura 19: Meme “Amigas que vão vender ovo”

Figura 20: Meme “Filho que fala palavrão”



Fonte: Página Bode Gaiato no Instagram



Fonte: Página Bode Gaiato no Instagram

Neste primeiro *meme* temos um exemplo de variação no nível gramatical, observemos na frase superior: “nóis vai”, é comum algumas pessoas falarem dessa forma, ao invés de “nós vamos” ou “nós iremos”. No segundo *meme* a personagem que representa uma mãe dirige-se ao padre falando “seu páde”, o garoto da mesma forma “aqui páde”, com a ausência da consoante “r” na pronúncia, que pode ser associadas à variação social, uma vez que estes falares se devem a fatores relacionados ao grau de escolaridade, as pessoas que não possuem níveis avançados de ensino tem mais facilidade para utilizar essas variações.

Vejam agora um exemplo com variação no nível fonético-fonológico:

Figura 21: Meme “Bebendo para esquecer os problemas”



Fonte: Página Bode Gaiato no Instagram

Segundo Cezario e Votre (2017, p. 145) “nesse nível situa-se grande parte da variação que contém formas estigmatizadas”, ou seja, que é qualificada de forma negativa, a exemplo da palavra “pobrema”, na fala do primeiro personagem do *meme* da figura 21, ele tirou o “r” da primeira sílaba e trocou o “l” pelo “r” na segunda, nesses casos é comum ocorrer essa troca, outros exemplos são “bicicreta/bicicleta”, “chicrete/chiclete”, “pranta/planta”, etc.

Dessa forma, ao se levar o *meme* para as aulas de língua portuguesa, primeiramente, deve ser dada uma atenção ao gênero em si, aos elementos que o constitui, pois os alunos precisam chegar ao conhecimento de que o *meme* está sendo apresentado por se tratar de um gênero, que se inclui entre os novos gêneros emergentes no contexto da tecnologia digital, assim como o e-mail, blog, etc., e que atende a determinadas necessidades, neste caso específico à necessidade de conhecerem a diversidade linguística que o Brasil possui, uma vez que

[...] toda língua possui, para além da gramática, um léxico variado, que também precisa ser amplamente conhecido, o que significa dizer que a gramática sozinha nunca foi suficiente para alguém conseguir ampliar e aperfeiçoar seu desempenho comunicativo. (ANTUNES, 2003, p. 88).

Assim sendo, os *memes* da página “Bode Gaiato” podem ser levados para os alunos em um suporte impresso ou no suporte em que eles são criados, o que vai determinar isso são as condições de cada escola, visto que algumas ainda não possuem sala de informática, por exemplo; mas para aquelas que já possuem tal estrutura seria interessante os alunos terem acesso aos *memes* a partir da navegação direta nas páginas em que eles são publicados. Para realizar a leitura e a partir disso ser feita a análise, assim como as análises empreendidas nesta seção, a fim de proporcionar aos alunos o conhecimento de palavras e expressões, que fazem parte da variedade linguística presente no país; levantar discussões acerca das variedades prestigiadas, estigmatizadas e do preconceito linguístico presente no Brasil; e, assim, atender as orientações dadas pela Base Nacional Comum Curricular.

4.3 Meme e os mecanismos gramaticais

Assim como o *meme* nos dá a possibilidade de trabalhar a variedade não padrão, ele nos possibilita também o trabalho com a variedade padrão, ou seja, com as *regras* que compõem a gramática normativa, uma vez que esta “[...] compreende o conjunto de regras que especificam o funcionamento de uma língua” (ANTUNES, 2003, p. 85), esse conjunto de regras tem sido visto, principalmente, pelos alunos como algo distante de sua realidade e difícil de ser aprendido, desmotivando os alunos para tal aprendizado. Não somente no que

diz respeito à gramática, mas também a todos os conteúdos que compõem a disciplina de língua portuguesa. A esse respeito, Antunes explica que isso resulta:

[...] na súbita descoberta, por parte do aluno, de que ele “não sabe português”, de que “o português é uma língua muito difícil”. Posteriormente, manifesta-se na confessada (ou velada) aversão às aulas de português e, para alguns alunos, na dolorosa experiência da repetência e da evasão escolar. (ANTUNES, 2003, p. 20).

Sabemos que muitos são os fatores que levam a esse tipo de reação por parte dos alunos, e um dos mais preocupantes pode ser a forma ineficiente com que o estudo da língua está sendo apresentado a eles, o que torna a situação preocupante, uma vez que sabemos as influências que a gramática exerce na vida social das pessoas, pois é ela que é cobrada nos vestibulares, concursos públicos, entre outras ocasiões. Se o aluno se percebe “incapaz” desde a educação básica, a tendência é ele ter um baixo desempenho, caso essa mentalidade, e muitas vezes da escola, não for mudada.

Ainda, com base em Antunes (2003, p. 31), ao discorrer sobre *o trabalho com a gramática*, ela diz que tem sido ensinada “uma gramática descontextualizada, amorfa, da língua como potencialidade; gramática que é muito mais ‘sobre língua’, desvinculada, portanto, dos usos reais da língua escrita ou falada na comunicação do dia a dia”, desse modo surge então a preocupação em levar aos alunos aquilo que de fato irá servir para o seu desenvolvimento e posicionamento na sociedade, porque compreendemos que cada ser humano deve ter seu lugar na sociedade, para poder exercer sua voz e alcançar aquilo que é seu por direito, e isso só será possível se ele estiver ancorado nos saberes que a educação tradicional proporcionou a ele, por intermédio da escola. Portanto,

a questão maior não é *ensinar ou não ensinar gramática*. [...] essa nem é uma questão, uma vez que não se pode falar nem escrever sem gramática. A questão maior é discernir sobre *o objeto do ensino*: as regras (mais precisamente: *as regularidades*) de como se usa a língua nos mais variados gêneros de textos orais e escritos. (ANTUNES, 2003, p. 88).

Ou seja, temos que levar aos alunos uma gramática que irá ajudá-los e não que represente uma preocupação ou ameaça para eles, nem que leve-os a desistência da escola, como vimos que tem acontecido. Nos *memes*, em especial no tipo de *meme* que foi escolhido para a análise neste capítulo (*memes* do Bode Gaiato) a língua utilizada é a mais próxima da variedade não padrão, ou seja, não está de acordo com a gramática normativa. Em muitos casos, é uma marca estilística da página, como, no caso do autor da página “Bode Gaiato”, percebemos isso a partir das análises feitas no capítulo anterior, e também porque essa é uma característica fiel da página. Contudo, o professor pode, com o uso do *meme*, trabalhar as

regras para o ensino da variedade padrão, outros tipos de *memes* podem não apresentar essas possibilidades, é justamente pensando nisso e em possíveis necessidades dos professores, e, principalmente, dos alunos, que escolhemos a análise dos *memes* dessa página, que são textos que representam a língua em seu uso real.

Entretanto, ao escolher trabalhar com esse gênero, o professor pode optar por aquele que melhor irá lhe ajudar para alcançar os objetivos traçados para a sua turma, tanto em relação ao tipo de *meme* quanto às regras gramaticais, como assinala Antunes, o professor:

[...] deve selecionar noções e regras gramaticais que sejam, na verdade, relevantes, úteis e aplicáveis à compreensão e aos usos sociais da língua. Noções e regras que possam, sem dúvida, ampliar a competência comunicativa dos alunos para o *exercício fluente e relevantes* da fala e da escrita. (ANTUNES, 2003, p. 96).

Até aqui já compreendemos que um dos maiores objetivos no ensino de língua materna/língua portuguesa é desenvolver a competência comunicativa do aluno para que ele tenha domínio nessa língua. Visando um melhor ensino de gramática, Travaglia propõe que a gramática seja trabalhada

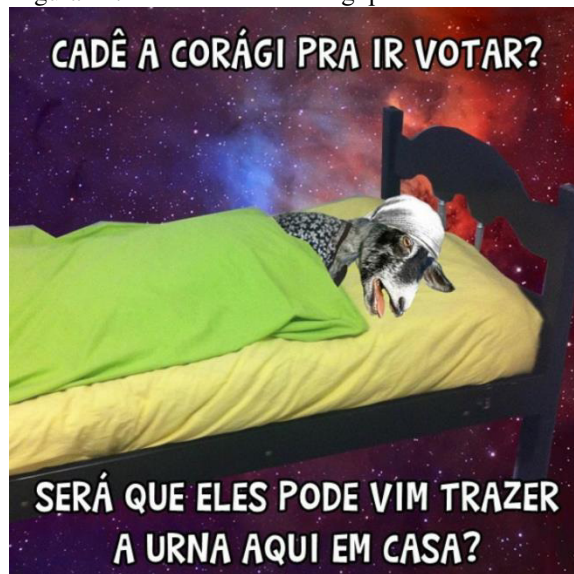
[...] numa perspectiva formal mais ampla, na dimensão do funcionamento textual-discursivo dos elementos da língua, uma vez que a língua funciona em textos que atuam em situações específicas de interação comunicativa e não em palavras e frases isoladas e abstraídas de qualquer situação ou contextos de comunicação. (TRAVAGLIA, 2009, p. 109).

Pensando nesta proposta é que vemos o *meme* como um texto que se adequa a tais perspectivas, ele é um gênero que percebemos a intensa interação nas situações comunicativas representadas dentro dele e que geram a interação também entre o leitor e o texto, pois essas situações sempre visam que o leitor se reconheça e se sinta representado nelas. Assim, fazendo uso das bases gramaticais que a língua oferece, podemos analisar no *meme* conteúdos do tipo: concordância, já que na gramática da língua portuguesa existem quatro tipos de concordância, são elas: verbal, adnominal, nominal e pronominal, teoricamente “a concordância existe para deixar claro a que nome um adjetivo ou um verbo se refere. E ainda qual nome ou qual (is) ser(es) um pronome ou substantivo representa” (DEQUI, 2013, p. 26). De uma forma mais específica, cada tipo de concordância possui as suas regras, no caso da concordância verbal, por exemplo, o verbo deve concordar com o sujeito em número (singular ou plural) e em pessoa (1^a, 2^a, ou 3^a).

Além disso, buscamos nos apoiar no livro *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*, também de Irlandé Antunes, no qual ela dá algumas sugestões para o trabalho com a gramática. No que se refere à focalização da frase, por exemplo, ela

orienta uma atenção aos “procedimentos de concordância entre o verbo e a expressão sujeito da frase [...] procedimentos de concordância entre o substantivo e seus termos adjuntos” (ANTUNES, 2007, p. 136). Desse modo, Antunes reitera a importância de ensinar aos alunos esse aspecto da gramática que é a concordância, de forma mais específica, a que ela se refere na citação anterior: concordância verbal e nominal. Vejamos na imagem a seguir como esses aspectos da gramática podem ser trabalhados a partir da análise de um *meme*.

Figura 22: Meme “Cadê a corági pra ir votar?”



Fonte: Página Bode Gaiato no Instagram

Neste *meme* é possível observar que não ocorreu a concordância entre o sujeito, representado pelo pronome “eles”, e o verbo “pode”, nesse caso o verbo deveria estar concordando com o sujeito em número (estando no plural), e em pessoa (estando na 3ª do plural), dessa forma a composição das duas palavras seguindo a concordância verbal seria “eles podem”. Assim, os aspectos de concordância podem ser ensinados para os alunos a partir do uso deste *meme* e de outros que apresente possibilidades de análise nesse sentido.

Já em relação ao trabalho com a gramática focalizando a palavra, ainda no mesmo livro, Antunes propõe um estudo com um enfoque nas “normas da ortografia oficial” (2007, p. 137), esta é uma das perspectivas em que a língua também pode ser analisada a partir do uso dos *memes*, em praticamente todos os tipos deles, levando em consideração que eles têm como característica uma linguagem desprendida de regras. Além disso, é inegável que esse aspecto da língua é necessário para o processo de aprendizagem do aluno. Infelizmente, ainda acontecem casos de alunos que saem da educação básica com grandes deficiências em relação à escrita correta das palavras, e isso se configura como uma das necessidades prioritárias da

aprendizagem dos alunos, uma vez que muitos desses alunos visam ingressar no ensino superior por meio no ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio, e uma das competências exigidas na redação deste exame é *demonstrar domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa*, sendo assim, se percebemos que nossos alunos tem carência em determinados assuntos, são nesses que de forma especial o ensino deve ser intensificado. Portanto, analisemos agora mais um *meme* que pode apoiar o professor no ensino do aspecto supracitado.



Fonte: Página Bode Gaiato no Instagram

Este *meme* nos faz lembrar a mentalidade que se criou na sociedade de que o professor de português é sempre aquele que está atento a tudo que é escrito e/ou falado para imediatamente corrigir o que venha a ser considerado “erro”, contudo ser professor de português, felizmente, não se limita apenas a isso, o aspecto da linguagem é bem mais amplo e envolve uma série de outras coisas. Além disso, no que se refere aos aspectos gramaticais no *meme*, percebemos, ainda, palavras que foram escritas propositalmente de forma incorreta segundo a ortografia oficial, isso ocorreu para causar o efeito de humor que é próprio dos *memes*, o autor aproveita o dia do professor para relacionar à ideia de que muitos alunos não escrevem corretamente. Assim, esse *meme* pode ser utilizado em sala de aula sob duas perspectivas, primeiramente na desmistificação de que o professor de português é aquele que corrige e condena o aluno, que é o aspecto que podemos perceber nas entrelinhas do texto; no segundo momento, atentando para a questão das normas da ortografia oficial. Observemos, então, algumas palavras retiradas do *meme*:

PALAVRAS RETIRADAS DO MEME	
GRAFIA DA PALAVRA NO MEME	GRAFIA DA PALAVRA SEGUNDO A ORTOGRAFIA OFICIAL
Parabem	Parabéns
Cuando	Quando
Creçer	Crescer
Tambeim	Também
Vo	Vou
Cer	Ser
Profeçor	Professor
Portugueis	Português

A partir disso, o professor levará ao aluno a possibilidade de conhecer mais este aspecto que compõe a gramática, e com base nas palavras escritas ortograficamente incorretas que o *meme* apresentar, ele poderá ensinar algumas regras da ortografia oficial, como o emprego adequado de algumas letras, por exemplo, “c” e “ç”, que nas palavras “quando”, “creçer”, “cer” e “profeçor” foram utilizadas de forma ortograficamente incorreta. Além dessas, existem várias outras possibilidades de análise de emprego adequado de letras, palavras e expressões que podem ser feitas nos *memes*.

Mostramos aqui algumas possibilidades do trabalho com o gênero digital *meme*, a partir das bases gramaticais que a língua oferece, além disso, ao analisar cada um desses *memes*, vimos aspectos que favorecem o ensino de Língua Portuguesa, entretanto, sabemos que o trabalho com os gêneros é ilimitado, e além do que propomos podem ser desvendadas outras possibilidades de trabalho com o referido gênero, uma vez que o trabalho com o gênero visa o desenvolvimento dos alunos não somente no aspecto gramatical da língua, mas também na oralidade, escrita e leitura. Nessa perspectiva, Antunes propõe que:

o texto seja analisado: no seu gênero, na sua função, nas suas estratégias de composição, na sua distribuição de informações, no seu grau de informatividade, nas suas remissões intertextuais, nos seus recursos de coesão, no estabelecimento de sua coerência e, *por causa disso tudo*, só por causa disso, repito, os itens da gramática comparecem. (ANTUNES, 2007, P. 138).

Diante disso, ressaltamos a importância do trabalho com o *meme*, sem esquecer que primeiramente ele se trata de um gênero digital. Assim, ele deve ser apresentado aos alunos em sua totalidade para, em seguida, desvendar e fazer uso das possibilidades de estudo da

Língua Oficial, dentre essas possibilidades, encontram-se as que foram apresentadas no decorrer deste tópico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos na fase final deste trabalho, convém esclarecer que não se esgotaram as possibilidades de exploração do tema, pelo contrário, os gêneros, reforço, são fontes inesgotáveis para uma abordagem educativa. Com o estudo realizado pudemos reiterar esta concepção construída desde o início da pesquisa, embora, em alguns casos, este ensino ainda não ocorra da maneira que deveria ser. Contudo, os gêneros não deixam de ser um mecanismo para que o aluno desenvolva sua capacidade cognitiva e sua competência comunicativa, uma vez que os gêneros caminham e atualizam-se junto com os avanços pelos quais a sociedade passa, analisamos este aspecto ao presenciarmos o movimento que é gerado no constante surgimento de novos gêneros, a se destacarem os gêneros digitais, isso nos faz lembrar daquilo que Bahktin (2011, p. 262) dizia acerca do grande repertório dos gêneros, ele “[...] cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo”, o campo tecnológico é um dos que passou por grandes desenvolvimentos e transformou, por exemplo, a carta no e-mail, desse modo as dimensões comunicativas são ampliadas e percebemos esse constante movimento.

Por esse motivo, a presente pesquisa quis focalizar em um desses novos gêneros: o *meme*, visando também contemplar essas novas formas de comunicação que integram a vida dos jovens, para isso, analisamos no desenvolvimento desta pesquisa que de fato os *memes* são elementos estão presentes no cotidiano dos jovens, dando novos sentidos as interações sociais construídas na Internet. Verificamos que isso ocorre, principalmente, porque os *memes* narram situações cotidianas, tão comum e atrativo para tal público. Através do compartilhamento dos *memes* encontramos manifestações de vozes até então escondidas, de posicionamentos crítico-reflexivo, que são tão necessários nas relações de interação. Desse modo, notamos a relevância do tema para uma abordagem nos espaços educativos, levando em conta os aspectos elencados e, qualquer outro que o gênero possa auxiliar.

Assim, numa perspectiva geral, foi possível verificar a autenticidade do *meme* enquanto uma ferramenta para o ensino de língua portuguesa, uma vez que, após a realização desta pesquisa, encontramos possibilidades para o trabalho com o mesmo em sala de aula. Para isso, foi necessário que fizéssemos uma discussão sobre teorias relacionadas ao tema, na esteira da teoria bahktiniana, e estudos já realizados na área. Desse modo, conseguimos apresentar o gênero e mostramos como ocorre a circulação do mesmo entre os jovens, concluímos que há uma dinamicidade e atualidade dos *memes*, eles jamais permanecem parados e as redes sociais são os pontos mais frequentados por eles. Nas análises dos *memes* pudemos propor algumas formas de abordagem deste gênero digital nas aulas de língua

portuguesa, com o foco em assuntos relacionados às variações linguísticas e aos mecanismos gramaticais, ao fazermos isso, compreendemos que o professor, ao escolher trabalhar com este gênero, não pode apenas pegar qualquer *meme*, mas fazer uma atenciosa seleção, devido a quantidade de *memes* em circulação, escolher aquele que se adequa as necessidades educacionais de seus alunos.

Dessa forma, acreditamos ter conseguido esclarecer como o gênero digital *meme* pode contribuir para o ensino de língua portuguesa, além de apresentarmos as formas possíveis dessa abordagem em sala de aula, tendo em vista os conteúdos da disciplina. Contudo, não foi possível responder um dos questionamentos levantados no início da pesquisa, que diz respeito a aceitação dos *memes* em sala de aula por parte dos alunos, acreditamos que para obter uma resposta concreta acerca deste problema, seria necessário uma aplicação da proposta, para a partir disso, verificarmos a relação dos alunos com o *meme* no ambiente educativo.

As dificuldades encontradas nesta pesquisa foram relacionadas à limitação de material bibliográfico especificamente sobre o gênero *meme*, acredito que por ser um gênero novo ainda existem poucos trabalhos desenvolvidos com essa temática e principalmente voltados para uma abordagem educativa na perspectiva do gênero.

Por fim, concluímos esta pesquisa acreditando que os *memes* podem ser inseridos nos ambientes educativos, dessa forma, sugerimos que eles sejam inseridos também sob outras perspectivas, não só na que mostramos neste estudo. Além disso, é necessário sair do plano da teoria e irmos para a prática, verificando os resultados reais da aplicação deste trabalho em sala de aula. Ademais, as pesquisas relacionadas a este tema não se findaram, como verificamos no decorrer deste estudo, há uma necessidade de serem desenvolvidos trabalhos voltados para os usos dos *memes* em uma abordagem educativa, bem como para os gêneros digitais de modo geral.

REFERÊNCIAS

ALVES FILHO, Francisco. Gêneros digitais: muito além do hipertexto. In: MARQUES, Sueli Cristina; PAULIUKONIS, Aparecida Lino; ELIAS, Vanda Maria (Org.). **Linguística Textual e Ensino**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 185-184.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ARAÚJO, Júlio César Rosa de. Transmutação de gêneros na web: a emergência do chat*. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. Cap. 2. p.81-108.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. – 6^a ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2011.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. 1^a ed., 5^a reimpressão São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós cheguem na escola, e agora?: sociolinguística & educação**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>> Acesso em: 28 set. 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclo do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>> Acesso em 20 out 2018.

BUBNOVA, Tatiana; BARONAS, Roberto Leiser; TONELLI, Fernanda. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin / Voice, sense and dialogue on Bakhtin. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 6, p.268-280, 16 nov. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bak/v6n1/v6n1a16.pdf>>. Acesso em: 06 dez. 2018.

CALIXTO, Douglas de Oliveira. **Memes na internet: Entrelaçamentos entre Educomunicação, cibercultura e a ‘zoeira’ de estudantes nas redes sociais**. São Paulo, 2017. Disponível em: <<file:///C:/Users/Marcelina%20Maria/Downloads/DOUGLASDEOLIVEIRACALIXTO.pdf>> Acesso em: 15 out 2018

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de linguística**. 2. ed., 5ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2017.

COSTA, Thaís. **Quais são as redes sociais mais usadas no Brasil?** 2018. Disponível em: <<https://marketingdeconteudo.com/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>>. Acesso em: 15 out. 2018.

COSTA, Vera Lúcia Anunciação. **A importância do conhecimento da variação linguística**. Educar, Curitiba, n. 12, p.51-60, jan. 1996. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40601996000100005> Acesso em: 01 nov 2018.

DEQUI, Francisco. A língua portuguesa tem quatro tipos de concordância. **Revista Virtual de Estudos de Gramática e Linguística do Curso de Letras da Faculdade de Tecnologia Ipuç**, Canoas, v. 2, n. 2, p.25-36, ago./dez. 2013. Disponível em: <<https://linguanostra.ipuc.edu.br/index.php/Linguanostra/article/viewFile/22/21>>. Acesso em: 02 dez. 2018.

FIORIN, José Luiz. O dialogismo. In: FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2008

FIORIN, José Luiz. **Os gêneros do discurso**. In: FIORIN, José Luiz. Introdução ao pensamento de Bakhtin. 2. ed. São Paulo: Ática, 2008.

GABRIEL, Martha. **Uma brevíssima história do meme**. 2012. Disponível em: <<https://www.martha.com.br/uma-brevissima-historia-do-meme/>>. Acesso em: 01 out 2018.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, João Wanderley et al (Org.). **O texto na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

GIARDELLI, Gil. **A origem dos memes**. 2012. Disponível em: <<http://www.inovadorespm.com.br/a-origem-dos-memes/>> Acesso em: 16 out 2018

KIM, Brad. **Rage Guy** (FFFFFUUUUUUUU-). 2018. Disponível em: <<https://knowyourmeme.com/memes/rage-guy-ffffuuuuuuuu>> Acesso em 02 out 2018.

LEITE, Natália Costa; SILVA, Marden Oliveira. Whatsapp: caracterização do gênero chat em contexto de ensino de línguas estrangeiras. **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p.85-97, out. 2015. Quadrimestral. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/7365/7696>>. Acesso em: 21 set. 2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital*. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. Cap. 1. p. 15-80.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. 1ª ed., 5ª reimpressão São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MENDES, Juliana Malpica; FARAGO, Alessandra Corrêa. Formação do leitor em suportes digitais. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro - Sp, v. 1, n. 3, p.197-213. 2016. Disponível em: <<http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/40/30042016104604.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2019.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). **Gêneros textuais e ensino. 1ª ed., 5ª reimpressão** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

OLIVEIRA, Thiago Soares de. A Sociolinguística e a questão da variação: um panorama geral. **R. Letras**, Curitiba, v. 19, n. 25, p. 01-18, jan./jun. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/viewFile/3168/4551>>. Acesso em: 30 nov. 2018

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. E-mail: um novo gênero textual. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. Cap. 2. p.81-108.

POSSENTI, Sírio. Sobre o ensino de português na escola. In: GERALDI, João Wanderley et al (Org.). **O texto na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

SANTOS, Eliane Pereira dos. Gêneros discursivos: uma abordagem dialógica da linguagem. **Revista FSA (Faculdade Santo Agostinho)**, v. 1, p. 243-259, 2012. Disponível em: <<http://www4.fsnet.com.br/revista/index.php/fsa/article/viewFile/12/15>> Acesso em 20 set 2018.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez. 2007.

SILVA, Lenilda Oliveira. AURELIO, Renato Pereira. **O Gênero Digital Blog: uma proposta para o ensino médio no portal do professor (Mec)**. Disponível em: <<http://ueadsl.textolivres.pro.br/2017.2/papers/upload/103.pdf> > Acesso em 28 set. 2018

SOUZA, Carlos Fabiano de. *Memes* em aulas de Português no Ensino Médio: Linguagem, Produção e Replicação na cibercultura. **Revista Philologus**, Ano 20, N° 60 Supl. 1: Anais da IX JNLFLP. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/281296046_MEMES_EM_AULAS_DE_PORTUGUES_NO_ENSINO_MEDIO_LINGUAGEM_PRODUCAO_E_REPLICACAO_NA_CIBERCULTURA> Acesso em: 01 out 2018

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 14. ed. – São Paulo: Cortez, 2009.

VIEIRA, Mauricéia Silva de Paula. A leitura de textos multissemióticos: novos desafios para velhos problemas. **Anais do Sielp**, Uberlândia, v. 2, n. 1, p.1-8, 2012. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielpl/wp-content/uploads/2014/07/volume_2_artigo_230.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2018.